

Esse documento faz parte do acervo do



e está sendo disponibilizado gratuitamente

Clique e fale com a gente



Entre em contato  
Ajude no nosso  
trabalho

Seja um amigo da  
História de  
Americana

HORST MÜLLER CARIOBA

HISTÓRIAS  
DA  
FAMÍLIA



os MÜLLER

e

os GERTUM

Azul é a cor da Harmonia. Azul é  
a cor da Paz e do Entendimento.  
Azul é a cor do Céu e do nosso Planeta.  
Que seja tudo azul para você, meu  
caro leitor, e que veja mais as  
virtudes dos que fizeram história  
que as imperfeições deste  
modesto trabalho.

1992

## INDICE

### 1<sup>A</sup>. PARTE OS MÜLLER

Os Curtidores de Brunswick	pág. 03
Os Pastores de Ölper	pág. 10
O Comendador Franz e a Carioba	pág. 23
Resumo Genealógico	pág. 37

### 2<sup>A</sup>. PARTE OS GERTUM

Viagem a Porto Alegre	pág. 42
A chegada	pág. 44
A epidemia	pág. 46
Aventuras de Martin	pág. 48
A sociedade alemã	pág. 49
Mais aventuras	pág. 51
Retorno	pág. 52
Viagem de Volta	pág. 53
Anna Karoline Albertine Goetze	pág. 66
Alguns dados Genealógicos	pág. 67

## 1ª. PARTE OS MÜLLER

### *Os Curtidores de Brunswick*

Erich Müller Carioba sempre demonstrou grande interesse pelos nossos antepassados e neste sentido pesquisou nos arquivos da cidade de Brunswick durante o período em que viveu na Alemanha como estudante e, mais tarde, como médico formado. Ele registrou os resultados de suas pesquisas em sua volumosa "Crônica da Família", um interessantíssimo livro que mandou confeccionar com uma antiga capa revestida de couro bege claro e algumas centenas de páginas em branco nas quais escreveu .

A frente desta Crônica ostenta um brasão, hoje quase indecifrável, acima do qual ainda se lê DUX LUNEBURGO e DEI GRATIA - RUDOLPH.... Já na capa trazeira lê-se claramente as palavras REMIGIO ALTISSIMI no alto, e no centro há um monograma feito com as letras D e L entrelaçadas. Mais abaixo aparece a data em algarismos romanos que é MDCLXXXIII ou seja, 1683!

Na primeira página foi caprichosamente desenhado o título a nanquin de várias côres:

*Die CHRONIC*

*der*

*FAMILIE MUELLER*

*und ihr STAMMBAUM*

*Anno 1639*

Na segunda página aparece uma gravura mostrando uma praça na cidade de Brunswick, o Burgplatz, ou Praça do Castelo, com o monumento do leão de bronze que homenageia Henrique o Leão, incorporador da cidade no início do século XII. Na terceira página lê-se o seguinte:

*“Esta Crônica da família foi iniciada no ano de 1919 nos tempos de Franz Friedrich Wilhelm Müller. As anotações mais antigas e as cópias facsimile foram reunidas a partir de dados que encontrei nos arquivos da Igreja de Sancta Ulrici e nos registros da guilda dos curtidores, os quais são preservados nos Arquivos da Cidade de Brunswick. Foram também aproveitados relatos verbais e cartas de parentes e amigos da família*

*Erich Müller Carioba”*

Na página seguinte aparece uma reprodução de um texto de difícil entendimento, escrito em caligrafia da época o qual logo adiante é repetido na caligrafia de Erich.

*“Altewieg 1639*

*Bartold Müller da cidade de Eisleben tornou-se (novo) cidadão em 16 de Novembro de 1639 tendo pago aos Dez Homens a quantia de 100 florins e meio thaler conforme recibo. Ele apresentou como penhor uma arma de cano longo, uma espada larga e um capuz de combate. Seus fiadores foram Heinrich Mesenberg e Karl Oldenroth. Ele prestou o juramento dos cidadãos.”*

E o dr. Erich explica:

*“O Dez Homens era o pequeno Conselho Distrital de Altewieg ao qual Bartold apresentou suas armas, seu penhor pelos compromissos assumidos ao prestar o juramento pelo qual se obriga a defender a Cidade e a ordem pública, ainda que seja com o sacrifício da própria vida. Esta é a mais antiga comprovação de existência de nossos antepassados em Brunswick. Esta anotação encontra-se no Livro de Registro dos Novos Cidadãos iniciado em 1601.”*

# Gilde-Buch

Anno 1659

Da Bartold Müller sein  
Gilde gewan, davon seine Frau  
zu, und gewan für ihn sein  
ein Rehren, Lamm Christofel  
und ganz Vogelzug

Da Bartold Müller sein  
Haus darüber hinweg ein  
Gilde gewan, was ihn  
in der Miltend und Lugin  
Anslin, im 20. Januari.

Registro no  
livro da Guilda  
em 20 de janeiro  
de 1659, para  
Bartold e sua  
mulher Dorothea  
como mestres

Sede da  
Guilda:  
hospedaria  
e lazer



Gildehaus.

*Terminado o período de aprendizado e após sua aprovação no respectivo exame, o candidato era promovido a Mestre, adquirindo assim o direito de empregar os seus próprios auxiliares. O Mestre também tinha o direito de registrar a esposa para que ela pudesse continuar o negócio em caso de seu falecimento e assegurar o sustento da família com a ajuda dos aprendizes.*

*Assim, encontramos o nome de Bartold Muller ao lado do nome de sua primeira mulher, Dorothea Mayer, indicando que obteve o título no dia 20 de Janeiro de 1659. Após o falecimento de Dorothea ele também registrou sua segunda mulher, Ilsa Weling, no dia 16 de Janeiro de 1672.*

*Ele deve ter se casado com Ilsa em 1671, pois os Mestres costumavam registrar suas mulheres tão cedo quanto possível, inclusive para poder apresentá-las no círculo dos amigos e colegas. Com Ilse Bartold teve dois filhos: Andreas e Jacob falecendo cedo, ao que parece, pois não ha mais referências ao seu nome naqueles livros.*

*Andreas e Jacob seguiram a carreira do pai, conforme o costume da época. Andreas não se casou e portanto coube a Jacob continuar o nome da família. Nascido em 12 de Abril de 1676 ele tornou-se Mestre em 1706. Casou-se em 10 de Setembro de 1709 com Lucia Elisabeth Bornemann naquela Igreja de Sancta Ulrici. Os registros da Igreja dizem que o sogro era um comerciante respeitado na comunidade e fornecem os nomes dos padrinhos além de outros detalhes. O casal Jacob e Lucia viveram até os 70 anos de idade e criaram seis filhos homens, quatro dos quais continuaram a tradição profissional da família. O quinto tornou-se ourives e a única filha do casal, a caçula, casou-se com um médico cirurgião.*

*Jacob faleceu vitimado por uma doença do fígado e foi sepultado no dia 30 de Dezembro de 1746. A viúva pagou à Igreja a respeitável quantia de 30 `reichsthaler'' pela sepultura localizada no eixo central da igreja, junto ao cruzamento com as naves laterais, o que era consideravelmente mais caro do que uma sepultura comum, no cemitério ao lado. Também ela, Lucia, foi sepultada junto ao marido, conforme seu desejo, em 24 de Abril do ano de 1757."*

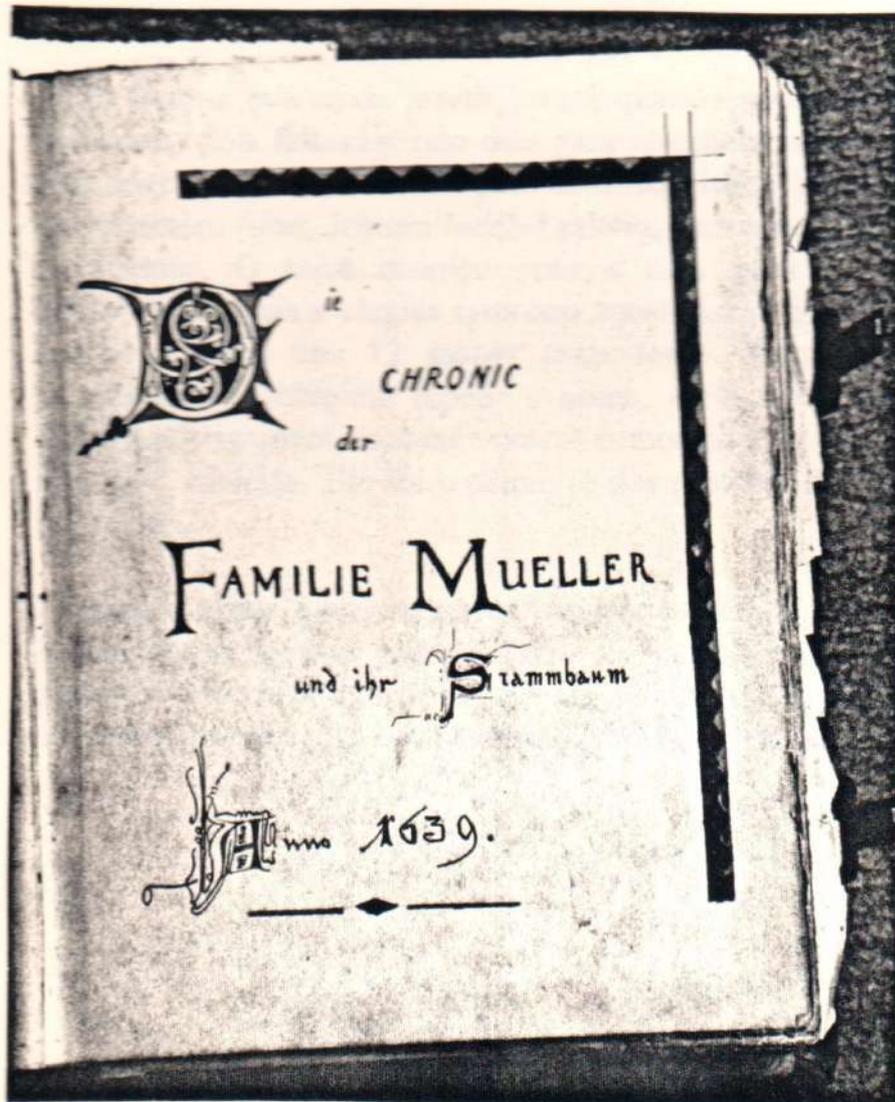
A Crônica nos conta ainda muitos outros detalhes interessantes e ressalta que a operosidade, a disposição para o trabalho já então constituíam uma das características dos Muller, conforme comprovam os registros da época.

Os quatro filhos de Jacob transmitiram seus conhecimentos aos seus filhos e assim o nome Müller aparece no livro dos Mestres com muita frequência. Entre os anos de 1660 e 1790 um em cada quatro é da família Müller. Foram em número de 20 os Mestres, aos quais se somam os nomes das respectivas esposas. Muitas vezes aparece também algum Müller como apresentante ou avalista de outro novo Mestre, o que demonstra o alto prestígio de que desfrutavam na comunidade.

Erich incluiu no seu livro uma planta detalhada da cidade, datada de 1671, a qual mostra o Rio Oker atravessando a cidade com seus inúmeros meandros, bifurcações e pequenas lagoas formadas por represamento das águas. Estas águas certamente eram ricas em tanino, substância importante na preparação de couros. As mercadorias eram transportadas sobre grandes balsas ou chatas para ir e voltar dos cortumes.

Portanto Bartold foi o primeiro dos curtidores, Jacob encabeçando a segunda geração, Bartold Jacob a terceira, e o filho deste, que se chamava Johann Friedrich, a quarta geração. Este último nasceu em 1747 e morreu em 1827. Foi casado com Anna Sophia Wolfstich e teve seis filhos, quatro homens e duas mulheres. Ele foi o último dos curtidores em nossa linhagem e foi um dos seus filhos que decidiu-se por outras atividades: foi o primeiro dos pastores em Olper a continuar a descendência dos Müller até nossos dias.

É interessante lembrar a esta altura que no fim do século 18 houve profundas alterações nas estruturas sociais do ocidente europeu com a tomada da Bastilha, a revolução francesa e as guerras napoleônicas. A família Müller sobreviveu mas não deixou de ser afetada de certa forma, conforme veremos adiante.



"A Crônica"  
Nossa principal fonte de informações

Anna Sophia era ainda muito jovem quando se casou com Johann Friedrich, pois faltavam oito dias para completar seus 15 anos. Este fato talvez tenha contribuído para as dificuldades que teve para criar seu primeiro filho, Johann Jacob Ludwig, que nasceu um ano após o casamento. O bebê morreu poucos dias após o seu primeiro aniversário, mas a alegria retornou àquele lar com o nascimento de outro menino, uns 12 meses mais tarde. Para homenagear o primogênito resolveram repetir o nome, e foi este segundo Johann Jacob Ludwig quem, tomando outros rumos na vida estudou teologia, línguas e ciências. Ele foi o primeiro dos pastores da família Müller em Ölper.

Deixemos agora que Margarete von der Leyen, a nossa querida tia Muck, nos conte esta segunda parte da história dos antigos Müller. Fazendo referência à tia Betty, que na realidade era sua bisavó e filha do pastor Deneke, ela nos transmite o seguinte relato.

## *Os Pastores de Ölper*

*“A residência paroquial de Ölper, pequena comunidade bem próxima de Brunswick não se constituía de apenas uma casa de moradia, mas era uma pequena fazenda com campos, pastagens e terras cultivadas onde se plantava aspargos, batatas, e também linho o qual as moças da casa fiavam em suas rocas. Havia gado e havia cavalos para puxar carros e carroças. Na verdade era uma pequena organização agropastoril. Talvez seja d'af que meu pai Franz Müller tenha herdado sua paixão pela terra, pelas árvores e plantações, e sobre tudo por cavalos e carruagens.*

*A casa paroquial fora construída em 1770 e se situava sobre uma pequena elevação. Sua estrutura era de madeira e no decorrer dos anos as paredes foram se revestindo de vinhas e heras até o telhado. Na frente da casa havia um pequeno jardim de flores cortado por um caminho que dava para o pomar bem mais abaixo. Entre o jardim e o pomar havia um riacho sobre o qual passava uma pequena ponte.*

*Conforme o costume da época as cocheiras e a ala residencial foram construídas sob o mesmo teto, embora houvesse uma ampla área coberta separando as duas partes. À direita e à esquerda do grande hall de entrada situavam-se as dependências dos empregados, a cosinha e os depósitos de alimentos. A pequena sala de estudos do pastor e a sala de visitas, bem como os dormitórios da família ficavam no pavimento superior. Acima deste havia ainda um grande sótão onde eram defumados presuntos, lingüiças e carnes diversas, e onde ficava o grande depósito de feno para os animais.*

*Na frente da casa uma larga porteira abria o caminho para a rua da aldeia e na parte lateral havia uma portezinha dando do jardim de flores para a igreja paroquial ao lado.*

*Havia também uma saída do pomar para a estrada ao longo da qual corria o Rio Oker que logo adiante movimentava uma roda d'água acionando um moinho e que depois ia perder-se, uma fita prateada, entre verdes campos e pastagens.*

*A posição de isolamento da residência paroquial proporcionava uma ampla e benfazeja vista panorâmica sobre toda a região circunvizinha. Em primeiro plano avistava-se a cidade de Brunswick rodeada de pequenos grupos de casas, arvoredos, campos e plantações. Mais adiante, entre florecentes trigais, viam-se casas maiores onde moravam os sitiantes ricos. Aquele bucólico e ensolarado panorama era um bálsamo para os olhos dos moradores da casa paroquial de Ölper.*

*No ano de 1771 o recém-casado pastor Heinrich Deneke conduziu sua noiva Christine Bremer para com ele morar naquela belíssima residência que para ele fora construída. Não tardaram os dias em que a casa passou a ressoar com o chôro de crianças enchendo-se de vida nova. Fritz, o filho primogênito recebeu o encargo de proteger suas cinco irmãs. Entre estas era Elisabeth, a pequena Betty, aquela que sempre estava disposta a topar as bincadeiras e traquinagens de Fritz. Era uma companheira bem ao seu nível, inclusive na arte de trepar em árvores.*

*No pomar havia uma pequena cerejeira cujos galhos, como é sabido, são bastante frágeis e quebradiços. Por este motivo era rigorosamente proibido trepar nessa cerejeira. Mas, como sempre acontece, os frutos proibidos são sempre os mais cobiçados. E assim, numa bela tarde de verão o severo pastor Deneke havia se acomodado em sua confortável poltrona para repousar e tirar uma merecida soneca. Foi quando as crianças, acometidas daquele irresistível impulso decidiram apanhar, nem que fosse uma única cereja para cada uma. E quem haveria de trepar na árvore? Já que Fritz era muito pesado tinha que ser a pequena Betty. Ágil como um esquilo ela subiu rapidamente até os ramos mais elevados e passou a colher cerejas jogando-as, uma após outra, para as mãos das companheiras. E ninguém se preocupou em vigiar a janela da saleta do papai*

*Subitamente lá estava ele na porta da casa com o chicote na mão! Fugindo em desabalada carreira as meninas ainda gritaram 'Betty! O pai vem vindo!'. E Betty deslizou pelo tronco abaixo com a maior urgência possível e suas ágeis perninhas conseguiram dar-lhe alguma vantagem sobre o pastor que a perseguia. Mas encurralada finalmente*

num cantinho da coqueira ela acabou sendo alcançada pelo pai. Agachadinha ali, tremendo de pavor, em seu desespero ela juntou as mãos entrelaçando os dedos e recitou a oração que sempre precedia as refeições diárias: 'Senhor, meu Jesus amado, abençoe esta nossa refeição...' E o Senhor deve ter ouvido aquela prece, pois o pastor calmamente abaixou o seu chicote e, levantando pela mão a amedrontada filha perdoou-lhe a transgressão. Foi tão generosa a sua disposição que também os outros transgressores foram absolvidos do crime cometido.

Os Deneke não eram gente de grandes posses, e como a paróquia também não era rica, a família do pastor vivia sob um regime de austeridade e temor a Deus. As meninas tinham que dar a sua contribuição fiando em suas rocas o linho que ali era produzido, não somente para consumo próprio como para vender. O filho foi um dia despachado pela mãe para a cidade de Magdeburg onde se empregou como aprendiz em uma grande casa de comércio.

Tudo ficou mais calmo naquela casa a partir daquele dia, depois que Fritz partiu. Mais calmo ainda ficou no dia em que a morte lhes arrebatou a filha Frederike, mas as outras quatro irmãs tornaram-se belas moças, trabalhadeiras e cumpridoras dos seus deveres cuidando da casa e do jardim. As preocupações voltaram a rondar a família quando o pai adoeceu. E, a despeito de todos os cuidados não tardou o dia em que seus olhos se fecharam para sempre. Fritz chegou para o enterro mas partiu logo depois deixando a sós a mãe e as quatro irmãs.

Passado algum tempo aconteceu algo tão doloroso que as valentes mulheres temiam não ter forças para suportar tamanho sofrimento. Elas foram convidadas a deixar o seu lar, aquela casa tão querida com tudo aquilo que por tantos anos haviam considerado seu para sempre. Despediram-se de cada um dos recantos de tantas preciosas recordações. Pela última vez vistoriaram todas as dependências e saíram fechando atrás de si a grande porteira, para o resto da vida, segundo supunham.



Ölper, a  
Residência  
Paroquial,  
aquarela por  
Taminchen.  
Foto da  
capela, ao  
lado - 1976



*A pequena distância da imponente casa paroquial, e ligeiramente afastada da estrada situava-se a chamada casa das viúvas, que daquele dia em diante deveria servir-lhes de moradia. E foi ali que a mulher e as filhas do pastor Deneke fizeram seu novo lar. Para os menos exigentes a casa era até confortável e espaçosa. O teto de sapé projetava-se muito além das paredes tornando as dependências frescas no verão e protegidas dos temporais de outono e das neves do inverno.*

*Na frente da casa uma enorme tília projetava seus ramos sobre uma pequena área onde havia um banco de pedra. Aquele local tão agradável para repouso nas tardes de verão contribuiu para que em pouco tempo as mulheres se habituassem às novas condições de vida. Era forte a sua fé em Deus e com alegria e determinação cuidavam dos seus afazeres diários.*

*Duas das irmãs logo deixaram o lar materno e foram trabalhar na cidade de Brunswick, enquanto Henny e Betty, a pequena colhedeira de cerejas, permaneceram com a mãe. Desde cedo até a noite trabalhavam ativamente procurando poupar à mãe todos os serviços domésticos. No inverno pegavam suas rocas, tal como faziam no tempo de infância e Betty costumava então cantar as mais belas e melodiosas canções valorizadas por sua potente voz.*

*Na primavera a velha tília era o local predileto dos passarinhos. As andorinhas que voltavam para ocupar seus antigos ninhos na cobertura de sapé lá encontravam os pardais que usurpando o lugar teimavam em não ceder. E as andorinhas então construíam novos ninhos para a felicidade das mulheres que as observavam. 'Dão sorte, os ninhos de andorinhas no teto da casa', diziam, abrindo-lhes as portas e os corações.*

*Nas agradáveis tardes de primavera e verão a mãe freqüentemente sentava-se com as filhas naquele banco de pedra e as três se divertiam observando os transeuntes e traçando seus inocentes comentários a respeito das pessoas. Havia um determinado jovem, alto e esbelto, que por sua palidês constituía seu alvo predileto e mereceu o apelido de "coalhada", ou "Milchgesicht" em alemão.*

*Contudo, era inegavelmente um belo moço cujas vestes elegantes e bem talhadas ressaltavam sua boa aparência. Este jovem chamava-se Johann Jacob Ludwig Müller e era o filho mais velho do curtidor Johann Friedrich Müller. Naquele tempo ele era preceptor de dois jovens barões da família von Pawel com os quais costumava dar passeios ao entardecer.*

*Johann Jacob tinha grandes olhos de um azul profundo e uma expressão marcante. Sua peruca empoada o fazia parecer mais pálido do que realmente era. De acordo com a moda ele trajava um fraque de sêda cinzenta, um longo colete de sêda, calças de sêda pesada até os joelhos, meias compridas e sapatos com fivelas douradas.*

*A grande residência paroquial ainda estava fechada quando circulou a notícia que o jovem Müller fora nomeado pastor da comunidade de Ölper e que muito em breve ele iria assumir suas funções pastorais. Indescrevível foi, porém, a surpresa das mulheres ao identificarem o novo pastor como sendo o tal "coalhada".*

*Dentro de poucas semanas a propalada notícia realmente se confirmou. Johann Jacob Ludwig Müller, jovem e solteiro mudou-se para a residência paroquial e foi empossado no cargo em 26 de Dezembro de 1798, um dia após o Natal.*

*Não foi somente a novidade em si mesma que fez a comunidade acorrer à igreja, mas também a extraordinária competência e simpatia do jovem pastor de apenas 26 anos de idade. Sua amabilidade espontânea imediatamente conquistou os corações dos fiéis, inclusive dos ricos situantes das redondezas satisfeitos por terem um novo pastor.*

*As mulheres na casa das viúvas achavam, porém, que a esperada visita de cortesia do novo pároco estava demorando muito. Um dia Betty saía da igreja após as suas orações vespertinas sobraçando seu livro de canções, passou pela casa de um camponês doente para fazer-lhe uma visita e, cumprido este ato caridoso, caminhava para casa. A música do serviço religioso ainda ressoava em seus ouvidos enquanto seguia seus passos, pensativa e um tanto pesarosa. Era difícil*

*acostumar-se àquele novo pastor estranho postado diante do mesmo altar onde seu pai celebrara durante tantos anos.*

*Em silêncio entrou em casa, tão mergulhada em pensamentos que nem se deu conta de uma voz diferente que dialogava com sua mãe, quando esta chamou: 'Betty, você não quer vir cumprimentar o senhor pastor?'*

*O jovem levantou-se estendendo a mão e, acanhadamente os dois se entreolharam. Naturalmente Betty se esqueceu do apelido do pastor e nem mesmo sentiu qualquer impulso para brincar.*

*D'aí por diante as visitas à casa das viúvas tornaram-se frequentes e no dia em que o pastor lhe pediu a mão Betty logo concordou, radiante e cheia de confiança. Após um breve período de noivado a linda casa paroquial voltou a ser o seu lar, agora como esposa do novo pastor.*

*O casamento realizado no dia 10 de Novembro de 1799 foi um dia de festa e muita alegria em toda a aldeia. Todos os corações, todos os lábios pronunciavam preces rogando bençãos e felicidade para o jovem casal. Betty que estava então com 22 anos sempre fora a queridinha da população, ela que havia nascido ali, criada sob as vistas de todo mundo. Um novo elo passou a ligar a comunidade à casa paroquial e tão forte foi este elo que a ligação perdurou por uma segunda e até uma terceira geração.*

*Johann Jacob Ludwig e Betty viveram quarenta anos naquela casa paroquial, felizes e com muitas alegrias e também com muitos sofrimentos. Tiveram cinco filhos, três mulheres e dois homens, sendo que o filho mais velho faleceu em pleno vigor dos seus 18 anos. Uma das meninas, a Frederike, afogou-se no riacho do jardim. Restaram-lhes três filhos, Karl Heinrich, Elise e Dorothea.*

*O prematuro falecimento dos dois irmãos do pastor foi outra causa de sofrimento, mas a maior das infelicidades foi a incompreensível maldade de sua própria mãe, Anna Sophia. Ao que parece ela jamais perdoou ao filho o casamento com a filha de um pobre pároco rural, a este seu filho tão inteligente e preparado, em quem depositara suas*

mais altas esperanças. Pois após a morte de seu marido, Anna Sophia resolveu excluir Johann de futuros acertos de herança.

Nesta época Anna Sophia residia com suas duas filhas e um genro em uma belíssima propriedade dentro do perímetro urbano de Brunswick denominada Johannishof e com o seu falecimento as filhas entraram na posse de uma enorme fortuna, enquanto o filho Johann tinha que manter a sua família com um bem modesto ordenado.

Para se aquilatar a fortuna deixada por Johann Friedrich Müller, o último dos curtidores em nossa genealogia, basta dizer que no respectivo inventário os valores aplicados em empréstimos hipotecários somaram um total de 17.800 reichsthaler, equivalendo a 53.400 marcos-ouro, enquanto aquela grande propriedade em que viviam valia 2.000 reichsthaler, ou seja, pouco mais que uma décima parte do total.

O filho Johann Jacob poderia ter reivindicado seus direitos de herança, mas não quis fazê-lo enquanto a mãe fosse viva. Aconteceu que ela veio a falecer somente em 1848, com 93 anos de idade, e que ele viveu apenas mais 3 anos morrendo com a idade de 77 anos. Era viuvo então, sua mulher o tendo precedido em 11 anos.

Quando Johann Jacob morreu eram vivos o filho Karl Heinrich Theodor, que o sucedeu como pároco de Ölper, e duas filhas casadas. Elise era casada com um senhor Vogeler e Dorothea casou-se com Ernst Bosse que também era pastor.

Karl Heinrich Theodor casou-se com Hermine Victoria Ida Stammelbach, filha de uma agricultor que era também notário. Esta família Stammelbach era arrendatária havia quatro gerações em uma propriedade denominada Rote Mühle (Moinho Vermelho ou Moulin Rouge) próxima da cidade de Petershagen.

Forçado por dificuldades financeiras, Karl Heinrich acabou abrindo o processo reivindicatório contra o espólio daquela sua avó de coração

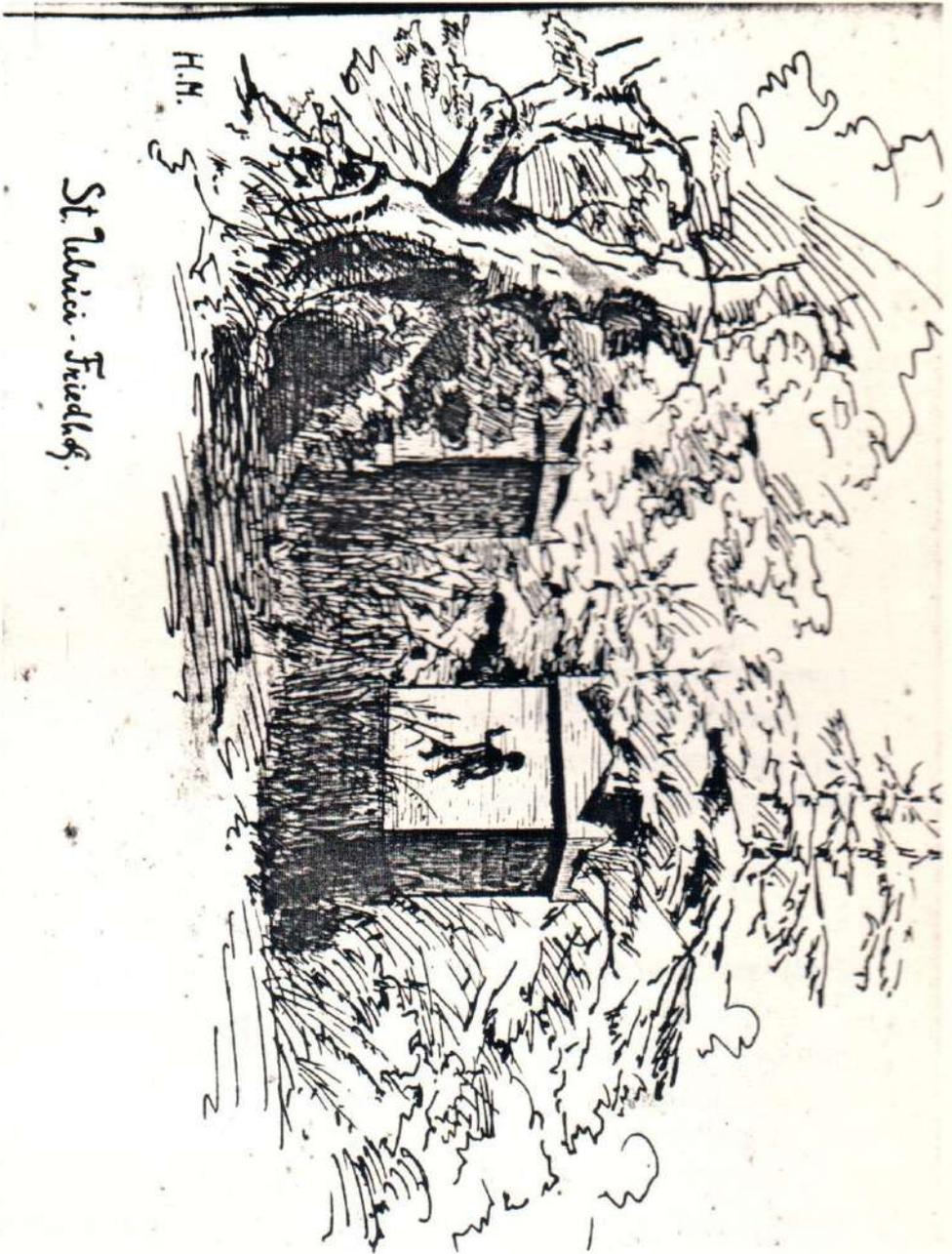
*empedernido. A este respeito conta-se que o tio dele, ao ser obrigado a desembolsar uma certa quantia ao advogado do pastor teria suspirado dizendo, 'Se minha falecida sogra soubesse disso ela se viraria no túmulo'. Mais tarde, quando teve que fazer outro pagamento, o tal tio teria repetido a mesma frase, ao que o advogado teria respondido, 'Bem, neste caso ela agora estaria acomodada corretamente...'*"

Voltando mais uma vez à `Cronica de Erich Müller Carioba encontramos as seguintes observações a respeito dos pastores Johann Jacob e seu filho Karl Heinrich Theodor:

*"Johann Jacob herdou dos seus antepassados a sua perseverança e dedicação ao trabalho. Era estudioso, lia muito e possuía uma volumosa biblioteca que incluía, além dos livros sobre religião, uma série de exemplares das obras de Shakespeare e de outros autores que foram preservados até nos. São livros pequeninos impressos em inglês e outras línguas, encadernados com uma página em branco entre cada duas páginas impressas. Nestas páginas ele escreveu em sua incrivelmente minúscula e caprichosa caligrafia, página por página, linha por linha a sua tradução do texto. Para tanto utilizava um dicionário de cinco línguas: grego, aramaico, latim, hebraico e alemão, o qual também foi preservado.*

*As longas noites de inverno e a reduzida população da sua comunidade paroquial deixaram-lhe o tempo necessário para cultivar os seus interesses leigos e culturais mormente nos tempos de viuvêz, nos seus últimos 11 anos de vida.*

*O filho Karl Heinrich mereceu da comunidade de Ölper a mesma consideração e respeito do pai. Sua casa era um ponto de encontro de estudiosos, artistas e intelectuais que, vindo de longe, para lá convergiam. Esta convivência deve ter estimulado e influenciado seus filhos para neles desenvolver suas potencialidades intelectuais e artísticas. Assim, o filho Ernst, por exemplo, tornou-se um respeitado escultor e a filha Hermine, a querida tia Taminchen, deixou numerosos bicos-de-pena e aquarelas de real beleza."*



*St. Ulrici - Friedl. G.*

Entrada do Cemitério de Santa Ulrici, em Ölper -  
bico de pena por Hermínia, irmã de Franz Müller.

Desejo portanto que a presente doação - feita em nome de meus netos paulistas, Jean Martin Sigrist Junior, Carlos Felipe Sigrist e Patrick Sigrist - seja recebida pela UNICAMP como prova do enraizamento na terra que tão bem recebeu Franz Müller e que ele tanto amou.

Muito atentiosamente

(ass) Joaquim Müller Carioba

Prof. Dr. Carlos Franchi  
DD Diretor do Instituto  
de Estudos de Linguagem  
Universidade Estadual de Campinas

Campinas, 4 de Outubro de 1982

Prezado Senhor:

O que há de melhor na história dos homens nunca aflora nas estórias públicas: uma corrente cálida e fecunda de vida que, apesar das datas e circunstâncias nem é feita de datas nem de destaques; um processo contínuo, sem aqui, sem hoje e agora que se reproduz na virtude de uma geração a outra. De tetravós a tetranetos, de uma comunidade nevada do ducado de Brunswick a uma indústria de tecidos nas colinas de Americana.

Sua carta oferecendo a este Instituto os livros tão zelosamente usados e conservados na sua família Müller desde o século XVII, em nome de seus netos que viverão o século XXI, escreve-me um exemplo dessa história. De fato, da paciência minuciosa de Johann Jacob Ludwig que primeiro leu e anotou esses livros ao carinho que os conservou, não recebemos somente observações azuis nas folhas envelhecidas mas o relato de uma virtude e trabalhos longos.

A melhor forma, por isso, de agradecer-lhe a doação desses livros é garantir-lhe que os conservaremos com o mesmo cuidado e zelo, juntos a sua carta; outra forma é desejar-lhe que o que mais profundamente representam se fixa na memória e na lembrança de seus netos.

Desejo poder dizer-lhes breve, ao senhor e a sua senhora, pessoalmente, a satisfação de tê-los conhecido e o encantamento com que recebo sua doação.

A seu dispor,

(ass) Carlos Franchi  
Diretor do Instituto de Estudos de Linguagem  
UNICAMP

Ao Senhor  
Joaquim Müller Carioba  
São Paulo, SP

Os livros da biblioteca dos pastores de Ölper mantivemos em nosso poder um exemplar da Divina Comédia de Dante Alighieri, impresso em 1797 com as páginas em branco e a tradução manuscrita. Há um exemplar datado de 1820 da peça Édipo in Colono, de Sófocles, também no original em grego e a tradução manuscrita, além de um exemplar todo manuscrito em inglês e alemão do poema autobiográfico de Lord Byron, Childe Harold's Pilgrimage.

O pastor Karl Heinrich e sua mulher tiveram oito filhos que nasceram e cresceram todos na casa paroquial de Ölper. São eles:

1. Johanna Friederike Luise que nasceu em 1º de Agosto de 1845 e faleceu em 12 de Novembro de 1895. Ela foi a segunda esposa de Wilhelm von Poellnitz,, um farmacêutico, nascido em 25 de Novembro de 1831 e que faleceu em 12 de Outubro de 1903.

2. Eleonore Elisabeth, que nasceu em 20 de Agosto de 1846 e faleceu também no dia 12 de Novembro, mas de 1872 como primeira mulher do mesmo Wilhelm von Poellnitz, e para quem gosta de astrologia Erich indica os horários em que nasceram as duas irmãs: Luise nasceu às 7:30 e a irmã às 7 horas ambas pela manhã. Nasceram sob o mesmo signo, casaram-se com o mesmo homem e morreram no mesmo dia do mês.

3. Marie Auguste Hedwig Dorothea, que viveu de 3/11/1848 a 30/11/1915 e foi casada com August Bosse, com quem teve 5 filhos: Ernst, Eleonore, Roland, Ilse e Marie.

4. Heinrich August Hermann que viveu de 30/5/1850 até 6/11/1910 e foi muito ligado ao irmão Franz, o nosso Comendador, que apoiou financeiramente durante muitos anos, inclusive para a compra da Fábrica de Tecidos Carioba.

Heinrich orientou suas atividades para o exterior, e criou fortes laços comerciais e de amizade com o inglês Rowland Rawlinson, Ele residiu na Argentina durante varios anos, onde foi Cônsul Honorário e viveu também no Uruguay. Foi por sua influência que seu irmão Franz

empregou-se na firma importadora do Sr. Huch em Hamburgo sendo depois transferido para Porto Alegre.

Heinrich August era sempre chamado pelo nome Hermann, ou tio Hermann. Casou-se aos 44 anos com Henriette Adele Auguste Weber com quem teve 5 filhos: Theodor, que morreu na guerra em 1917, Luise, Victor, Tilla e Henny. Esta última foi a primeira esposa de Henrique, filho caçula do Comendador Franz, que portanto era seu primo.

5. Hermine Auguste Emilie, que viveu de 1º/2/1853 a 24/4/1922 e é a tão querida Tante Hermine chamada Taminchen pelos sobrinhos brasileiros. Era pequena em estatura porém muito forte e trabalhadora. Sempre tranquila e carinhosa era também íntima da cunhada Albertine, mulher do Comendador Franz, conforme atestam inúmeras cartas trocadas entre elas.

6. Franz Friedrich Wilhelm, o Comendador Franz Müller, nasceu em 15/6/1855 e faleceu em 30/5/1920 em Carioba, onde está sepultado no Cemitério da Saudade em Americana. O capítulo que se segue conta a sua história.

7. Anne Marie Theodora Bertha Charlotte nasceu em 4/7/1856 e não consta a data de seu falecimento.

8. Johann Heinrich Ludwig Ernst viveu de 23/1/1860 a 7/9/1928. Foi o artista plástico e competente escultor já mencionado e que nos deixou várias obras muito bonitas em mármore. Entre outras, o Andarilho Repousando, uma linda peça que se encontra no cemitério, logo atrás do túmulo do Comendador.

E assim temos aqui as sete primeiras gerações da família Müller cobrindo um período de uns 300 anos, que começam com Bartold que provavelmente nasceu ao redor de 1620 aparecendo em Brunswick em 1639 e terminam com o Comendador falecido em 1920 e que originou as gerações brasileiras que se seguiram.

115. O luce, o gloria della gente umana,  
Che acqua è questa, che qui si dispiega  
Da un principio, e se da se lontana?
116. Per cotal prego, detto mi fu, Prega  
Matelda, che l' ti dica: e qui rispose,  
Come fa chi da colpa si dislega,
121. La bella donna: Questo, e altre cose  
Dette li son per me: e non sicura  
Che l' acqua di Leteo non gliel nascesse,
124. E Beatrice: Forse maggior cura,  
Che spesse volte la memoria priva,  
Fatto ha la mente sua negli occhi oscura,
127. Ma vedi Eunoe, che là deriva:  
Menalo ad esso, e come tu se' usa,  
La tramortita sua virtù ravviva.
130. Com' anima gentil, che non fa scusa,  
Ma fa sua voglia della voglia altrui,  
Tosto com' è, per segno, fuor dischiusa;
133. Così poi che da essa preso fui,  
La bella donna mossesi, e a Stazio  
Dennescamente disse, Vien con lui.
136. S' io avessi, Lettor, più lungo spazio  
Da scrivere, io pur cantere 'n parte  
Lo dolce ber, che mai non m' avria fazio;
139. Ma perchè piene son tutte le carte,  
Ordite a questa cantica seconda,  
Non mi lascia più ir lo fren dell' arte;
142. Io ritornai dalla santissim' onda  
Rifatto sì come piante novelle  
Rinnovellate di novella fronda;
145. Puro è disposto a salire alle stelle:

115. O 92. Ein Manneken Rufen laut Lufft dem Frantz!  
 Sag an, mit welchem Geiße die Drogelstalt  
 Dint' hienne hienne nachspring' mit dem Hof' unweit a 2
118. Grotz mit di' dunkelheit hien: 2/3 will nicht gar nicht  
 Willst du dich zu sagen; laut mit Degenen,  
 Es wie ungenug zu sagen zu dem was ist,  
 121. Grotz jener Frantz, die ungl'ige Lere mit Gulle  
 Gien' sind wie nicht, und so schach' d'ingen,  
 Frantz zu verheuen, gab nicht auch 6 Dientle.
124. Frantz in der Frantz: die Drogen frantz  
 D'oll so an ihm, sich ihm die Kraft bruchman,  
 Und ihm verdunkelt sind der Geist d'ingen.
127. Grotz sind, die Scherke der Lieren will Lieren was  
 Laß' du, so wie du schlagst, dich so schall,  
 Und laut ist Will' id' Geist' ihm was ungl'om was.
130. Was mein mit Dant' hienne, D'illen  
 Zu nigenen ungl' of' aller D'it' an' and,  
 D'ant' ihm, Gien' oder Wort' nicht all'!
133. Es ungen' die schone Frau sein bei der Grotz,  
 Laut: folgen du! so frantz sie, frantz ein Grotz,  
 Gien' D'it' mit ungen' Gien' an' and.
136. Was ist dein Geist und Lieren ungl' nicht bruchman,  
 Es frantz' ist ungl' der schone D'it', dem Lieren  
 Gien' ist ungl' was so D'it' zum D'ingen.
139. Grotz wird, laut geistlich ist jeder Lieren,  
 An diesen geiten d'it' zu sagen,  
 Es frantz' ist ungl' die Kraft mit ihm Gien'.
142. Grotz Lieren in der Frantz' der D'ingen,  
 Gien' mein Lieren die sich ungl' Gien' an' and,  
 Laut ungl' Lieren ungl' sich ungl' an' and,
145. Was ungl' geistlich ist Gien' ungl' ungl' an' and.

### *O Comendador Franz Müller e a Carioba*

Como já vimos, Franz Müller trabalhava para a firma Huch & Co em Hamburgo antes de vir para Porto Alegre. Sabemos que ele lá chegou em em 1879, com 24 anos de idade. A casa fazia comércio, principalmente de importação de todo tipo de mercadoria. Na verdade o Brasil nada tinha a oferecer além de produtos agrícolas, tais como café, fumo, madeiras e alguns outros produtos.

Morando em Porto Alegre Franz logo fez amizade com um seu colega de serviço, Albert Goetze, cuja casa passou a frequentar. Lá ficou conhecendo a irmã deste, Albertine que provavelmente não tinha ainda completado 18 anos, pois era 8 anos mais jovem. Ela era bonita, muito viva e inteligente e gostava de música, como toda a sua família cuja história será contada na 2ª Parte deste livro.

Franz e Albertine ficaram noivos em Fevereiro de 1883 e se casaram em Porto Alegre no dia 2 de Junho do mesmo ano.

Em Abril do ano seguinte nascia o primeiro filho, Hermann Theodor; em Junho de 85 nascia Erich e em Novembro de 86 veio Hans, o terceiro filho.

Movido por seu espírito realizador, e talvez sentindo a responsabilidade por uma prole crescente ao lado de maiores possibilidades em São Paulo, Franz decidiu mudar-se para esta cidade. o que realizou em 1889. Inicialmente fixou residência na Rua dos Bambás hoje denominada Avenida Rio Branco. Logo depois ele e seu sócio Heinrich Trost compraram lotes no recém-aberto bairro de Higienópolis onde construíram duas belas residências.

A pesquisadora Maria Cecília Naclerio Homem nos informa em seu livro "Higienópolis - História dos bairros de São Paulo" publicado em 1980 pela Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, Vol 17, pg 80:

*"4. Os Anglo-Saxões e as primeiras residências;*

*A primeira casa do loteamento de que tivemos notícia foi a de Franz Müller, construída em 1889, seguida das de Henrique Trost, vizinha da primeira e de Henrique Schaumann, na Avenida Higienópolis. (Mapa 7) Müller e Trost eram sócios. Possuíam uma casa importadora comercial na Rua da Quitanda chamada Müller & Trost que vendia de tudo, desde linhas para coser até ferragens e maquinaria. Compraram dois lotes vizinhos na Rua Maranhão, esquina com Itacolomi e fazendo fundos com a Rua Piauí. (Ver mapa n. 7)"*

De acordo, portanto, com este mapa o terreno da casa de Franz se estendia desde a Rua Piauí até a Rua Maranhão, com frente para a Rua Itacolomi, uma área de mais de 2.500 metros quadrados. O terreno foi subdividido posteriormente, mas a casa ainda hoje (1992) existe tal como foi construída, ou pelo menos conservando seus aspectos externos. O outro lote foi também subdividido e a casa de Trost não mais existe.

Sobre estes primeiros anos em São Paulo ha um delicioso livro de memórias escrito por Margarete, filha do casal Franz e Albertine, que nasceu em Março de 1890. Ela nos conta uma comovente história de amor e dedicação, de sacrifícios e vitórias e das realizações de Franz a partir desta data, culminando com a compra da Fábrica de Tecidos Carioba. A maior parte deste relato de Margarete se fundamenta em correspondência trocada entre Franz e Albertine, o que lhe confere um alto grau de autenticidade. Nada melhor, portanto, do que transcrever aqui alguns trechos daquela narrativa.

A família toda havia viajado para a Alemanha em Fevereiro de 1892 para matricular os três filhos homens numa boa escola.. Franz regressou logo, mas Albertine permaneceu mais algum tempo para acompanhar os filhos nos seus primeiros meses de aula. Regressando em Maio de 1893 chegou ao Rio de Janeiro no dia 2 de Junho, seu décimo aniversário de casamento. e 3 dias depois escreve à cunhada Hermine em Brunswick:

*"Nossa casa ficou linda, conforme você viu na foto que já recebeu. Por dentro ainda falta muita coisa, mas já dá para se morar muito bem. Naquela noite, quando chegamos a S. Paulo havia uma multidão*



Higienópolis  
 A situação da casa Sonneck  
 O Cantinho do Sol - 1892

*nos esperando na estação. Nossos amigos queriam preparar uma grande festa que no entanto não se realizou porque antecipamos a nossa chegada. Viemos do Rio até Santos em outro vapor, já que o "Amazonas" ia demorar 4 dias naquele porto. Mesmo assim os Cörner conseguiram chegar antes e iluminar lindamente a casa toda. Soltaram foguetes à nossa chegada e o Sr. Hehl, mestre da obra, pronunciou um belo discurso de boas vindas postado no alto da escadaria na entrada. Foi uma grande alegria."*

Margarete descreve com muitos detalhes aquela casa na Rua Maranhão batisada com o nome de "Sonneck", isto é Cantinho do Sol:

*"Até hoje (1956) vejo-me muitas vezes em meus sonhos subindo os degraus daquela longa e sinuosa escadaria de pedra que começava no portão da rua e terminava na porta de entrada da casa situada sobre uma pequena elevação. No andar térreo havia duas salas grandes, na menor das quais ficava o piano de cauda, e por isso era chamada a sala de música. A outra era chamada a sala de Natal. Entre esta e a sala de jantar havia uma grande porta de correr. e da sala de jantar havia também uma saída para a varanda. Do hall de entrada a gente entrava para o chamado "quarto do Papai", a pérola da casa, como dizia Mamãe. Este era o living íntimo dos meus pais com a escrivaninha dele, a sua estante de livros, a mesa de jogo e o armário de armas.*

*Papai gostava muito de armas; ele prestou o serviço militar como artilheiro em Wolfenbüttel, uma cidade próxima de Brunswick e possuía pelo menos umas 8 armas entre espingardas e fuzís, além de uma quantidade de facas e facões de todos os tipos e tamanhos. Nas tardes de domingo os jovens que vinham nos visitar eram convidados para a prática de tiro ao alvo. Muitos deles jamais haviam posto a mão em uma arma de fogo, o que meu pai considerava uma grave deficiência em sua educação o que logo se dispunha a corrigir.*

*A salinha, ou living íntimo, tinha uma parte do piso mais elevado, onde ficava a mesinha de trabalhos manuais de minha mãe ao lado da janela além de uma pequena e confortavel poltrona. À noite, após o jantar*

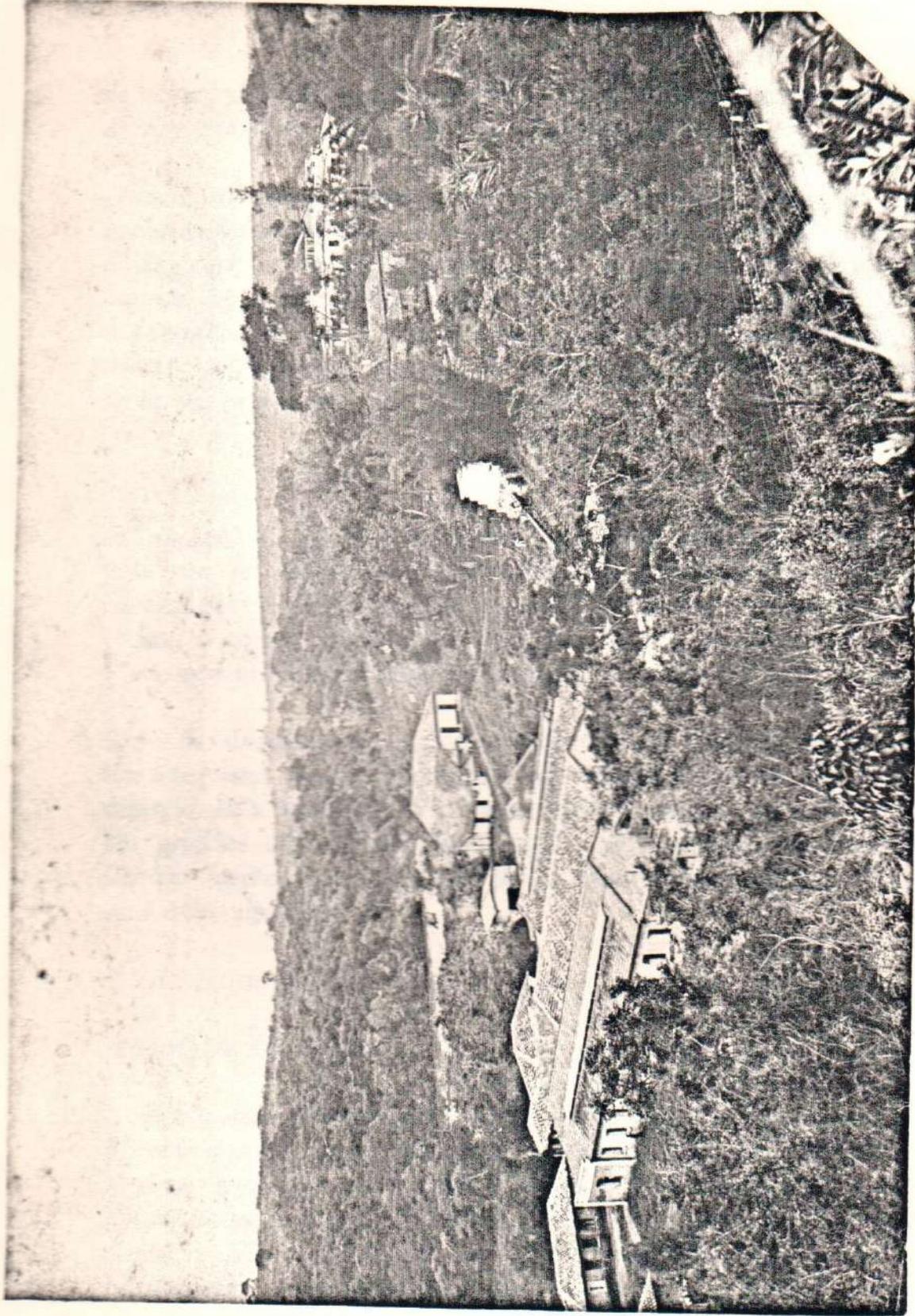
*tínhamos permissão para permanecer com eles ali naquele conforto. Ficávamos então, eu e meu irmão Bubi, bem quietinhos, sentados no sofá para olhar os livros ilustrados e as divertidas histórias em quadrinhos que já conhecíamos de cor.*

*Quando Papai estava de bom humor, o que acontecia quase sempre, ele colocava o Bubi sentado no seu joelho e começava a cantar. O Bubi ficava fascinado e não tirava os olhos do rosto do pai. Este então começava a rir, não sei se por causa da cara do Bubi ou se por causa das canções. Isto eu nunca descobri... Papai ria tanto que acabava engasgando. Papai ria, Mamãe ria, eu ria, mas o Bubi não se alterava. Não saía do sério e nem mudava sua expressão. Mas também não era para menos: as canções de Papai eram tão emocionantes....*

*O enorme jardim da casa era um verdadeiro paraíso. Os canteiros de flores eram separados da horta por um caminho rebaixado onde passavam os carros, sendo que havia uma pequena ponte feita de tijolos. Os canteiros eram realmente lindos e os passeios eram calçados com seixos bem alvos. Havia rosas e mais rosas, cravos de todas as cores como nunca mais os vi em parte alguma. Havia violetas, arbustos de jasmim e de bolas-de-neve e uma sebe verde. Da horta até o pomar havia uma longa pérgola para as videiras e que chegava até o galinheiro pelo qual Mamãe sentia grande orgulho. Havia um banco onde ela se sentava para observar os perús, as galinhas, os galos, patos e as galinhas-de-angola, além dos pombos. No fundo do jardim havia uma elevação que chamávamos de "o rochedo". Ali deitávamos de barriga para rolar pela encosta, o que foi nos ensinado por Papai, lembrando os seus tempos de criança brincando atrás da casa paroquial em Ölper.*

*As manhãs de domingo Papai dedicava inteiramente aos filhos. Logo depois do café nós o ajudávamos no hasteamento da bandeira apropriada para o dia. Todos os domingos tremulava a bandeira brasileira, ou a austríaca preta, branca e vermelha, ou outra, de*

*acordo com os eventos do dia. Nos dias de festa em família ou de outras comemorações era a bandeira verde-amarela; nos dias de aniversário*



A primitiva Fábrica de Tecidos Carioba, vista da linha da E. F. Paulista. No centro, a tubulação de água para as turbinas. A Casa Grande mais à direita, entre as árvores. Foto de 1904.

*de algum dos filhos ausentes era a bandeira paulista e no dia do aniversário da tia Taminchen era a bandeira de Brunswick.*

*Grande atração exerciam sobre nós os estábulos dos cavalos e as cocheiras onde gostávamos muito de brincar nos carros. Lá estavam o "dog cart" de Papai e uma grande "victoria" que eram de fabricação inglesa. A "victoria" era puxada por uma parelha de cavalos e era usada pelos pais para ir às reuniões sociais ou ao "casino". Nestas ocasiões o Fernando, cocheiro de Papai ia na boléia com sua farda de botões prateados e sua cartola preta."*

Em meados do ano de 1901 Franz e Albertine encontravam-se mais uma vez em viagem pela Alemanha com o objetivo principal de encaminhar os filhos menores, Margarete e Franz em boas escolas. Heinz, o caçula, tinha pouco mais de um ano de idade, enquanto Margarete tinha 11 e Franz, também chamado Bubi ou Bobs, tinha 7.

Em Julho daquele ano, quando se encontrava no Harz, Franz recebeu um telegrama com notícias muito inquietantes vindas de São Paulo, dizendo que a firma que ele havia deixado nas mãos de um sócio estava em grandes dificuldades financeiras e até ameaçada de falência. Imediatamente Franz retorna ao Brasil e suas cartas à mulher revelam suas preocupações:

*"5 de Agosto de 1901*

*A bordo do Petropolis:*

*....Infelizmente não me sai do pensamento a situação dos negócios em S. Paulo o que me causa muita preocupação. Receio que mais uma vez terei que enfrentar uma situação como aquela de dois anos atrás, logo depois da minha volta. Oxalá esteja sentindo a situação mais negra do que realmente é. Em todo caso, futuramente farei todo o possível para orientar os negócios de modo que não possam ocorrer grandes prejuízos nestes tempos tão incríveis. Vou fazer com que minha gente não possa tomar empréstimos tão grandes.*

*(idem) 16 de Agosto*

*.....Tudo posso suportar, meu bem, mas é essencial que os nossos negócios finalmente se consolidem de modo que possamos confiar e deixar as preocupações. Quanto mais envelheço mais intranquilo me deixa esta situação. "*

Retornando a São Paulo Franz descobre que o sócio havia se desesperado com a falta de lucratividade nos negócios e tinha tomado dinheiro para especular com as taxas de câmbio. Isto levou a um sério desentendimento entre os dois. Franz não admitia jogar na sorte com o dinheiro emprestado frente aos cotistas estrangeiros, principalmente.

Felizmente parece que não houve prejuízos com a jogada do sócio e Franz conseguiu manter inabalada a confiança dos seus principais financiadores, o irmão Hermann e o inglês Rawlinson.

Isto tornou-se claro quando ainda no mesmo mês de Setembro ele obteve autorização para investir na compra de uma fábrica de tecidos fechada há cerca de 6 anos a qual deveria ser reativada, posta em funcionamento e revendida com lucro.

Tratava-se da Fábrica de Tecidos Carioba que fora fundada uns 20 anos antes por Antonio de Souza Queiroz e William Ralston. Pouco tempo depois ela passou às mãos de dois irmãos, Clemente e Jorge Wilmot que entretanto não tiveram sorte, e em 1896 foram obrigados a entregá-la ao Banco do Brasil em pagamento de dívidas. O patrimônio da Fábrica orçava então em torno de 100:000\$000, isto é, cem contos de réis.

O Banco colocou-a à venda em hasta pública e parece que o fato não despertou grande interesse pois Franz ofereceu o lance ganhador de cento e dois contos de réis e entrou na posse da fábrica no dia 28 de Setembro de 1901.



A cascata do Ribeirão Quilombo

Sobre o assunto Franz escreveu a sua mulher em 30 de Setembro:

*“ O leilão da Carioba foi realizado anteontem em Campinas e eu estava presente para arrematar o objeto que agora é nosso .A documentação deverá estar concluída dentro de 2 dias e então poderei começar a por tudo em ordem, o que deverá levar uns dois meses. O principal agora é encontrar um bom gerente e felizmente já tenho uma pessoa em vista que me deu uma ótima impressão.*

*O Schulmann está insistindo em querer comprar a fábrica e, da maneira como as coisas estão e com tantos problemas a resolver, devo reconhecer, ainda que em princípio seja contrário à ideia, que seria mais prudente não assumir novos encargos e dores de cabeça. Se conseguirmos um lucro razoável com a venda eu estaria quase disposto a revendê-la. Bem, a situação deverá se definir dentro de poucos dias.. ”*

Em outra carta Franz dá conta de que já havia melhor definido o seu pensamento:

*São Paulo, 21 de Outubro de 1901*

*....Ainda não terminei toda a correspondência que tenho que despachar e falta preparar o relatório para o Hermann a respeito da Carioba com a minha proposta para a venda....*

*Amanhã cedo vou até lá novamente, sendo que o Jansen, o novo gerente, já foi e levou um mecânico. Bem que eu gostaria que a venda não se realizasse e que depois de por tudo em funcionamento pudessemos ficar com ela. Porém sou obrigado a fazer uma proposta de venda a preço válido até 30 de Junho, naturalmente com tudo funcionando. O Hermann e seus amigos devem então lucrar uns 30 contos de réis. ”*

Franz evidentemente conseguiu seus objetivos quanto ao prazo para a reativação da fábrica:

*“São Paulo, 18 de Novembro de 1901*

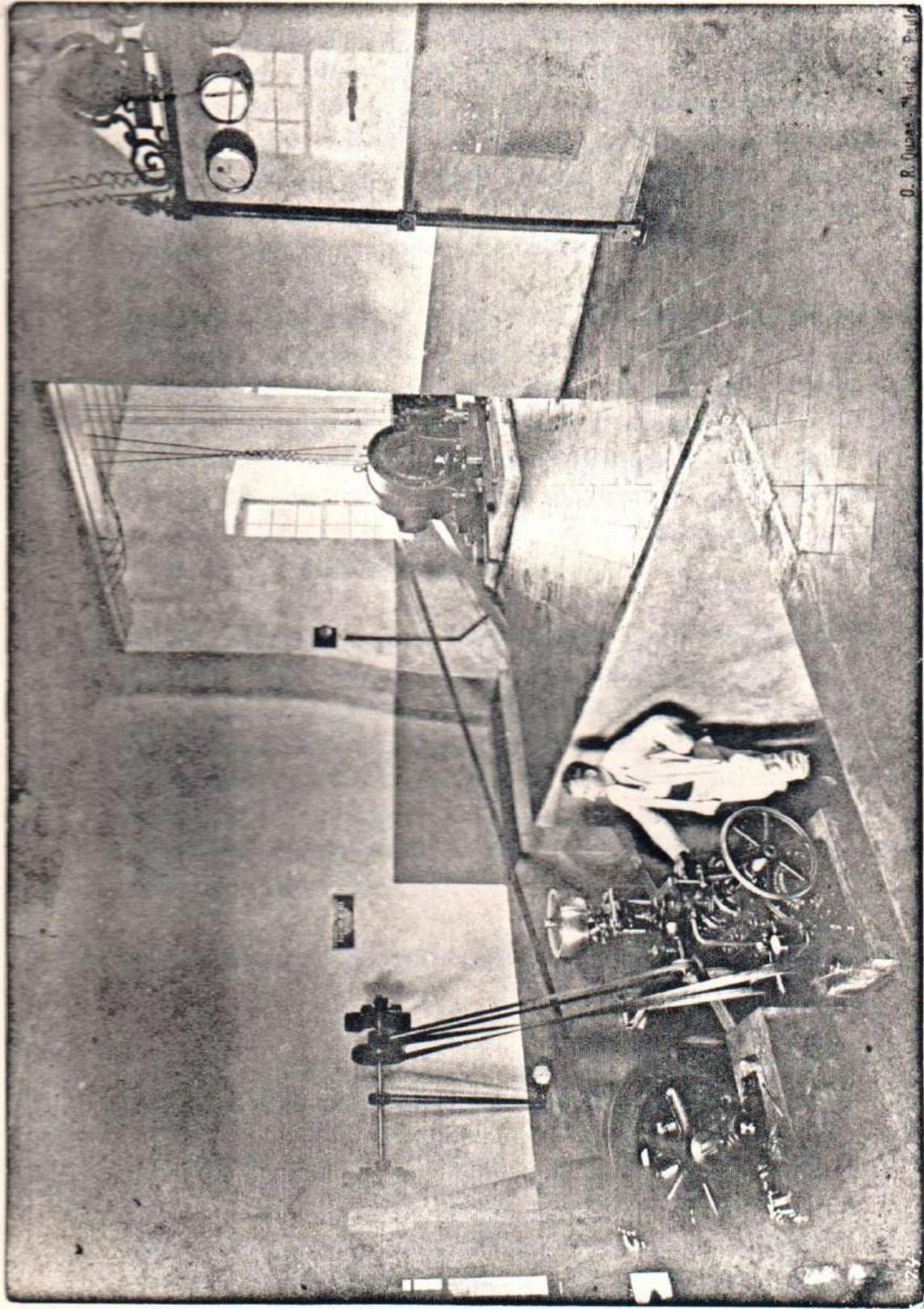
*.... Ontem e anteontem estive novamente em Carioba para verificar o andamento dos serviços. Nestes 15 dias o aspecto da fábrica já mudou muito, com as máquinas da fiação e os teares parcialmente limpos e consertados. Também o rego d'agua progrediu bastante, de modo que até o dia 1º de Dezembro as turbinas poderão entrar em funcionamento. De qualquer modo a produção deverá ser iniciada no dia 1º de Janeiro de 1902. Estou muito ansioso.”*

Não está claro quando foi exatamente que se tomou a decisão de não mais vender a fábrica, mas na Junta Comercial do Estado de São Paulo existe o registro número 4274 datado de 25 de Fevereiro de 1902 onde consta que a firma Rawlinson, Müller & Cia foi fundada com os sócios Rowland Rawlinson, Hermann e Franz Müller, cada um com um terço do capital. Entretanto Margarete nos conta que a participação - talvez inicial - de seu pai era de 20%. Em sua carta a Albertine datada de 18 de Novembro ele ainda diz que *“Para minha grande alegria chegou hoje um telegrama do Hermann dizendo que vai por à minha disposição o capital necessário. Ele que fique tranquilo, pois nós aqui haveremos de cuidar de tudo bem direitinho.”*

Ainda nos últimos dias do ano de 1901, logo apos o Natal, Franz mudou-se com a família para Carioba ocupando a assim chamada *“Casa Grande”* bem próxima da fábrica. A produção foi iniciada efetivamente no princípio do ano seguinte.

Houve uma grande solenidade de inauguração com a presença de muitas autoridades e importantes personalidades de Campinas e da região conforme registro no Livro de Visitantes da Fábrica de Tecidos Carioba aberto em de Março de 1902.

Ao que parece, quando inaugurada por Antonio de Souza Queiroz, a fábrica era muito pequena. Não dispomos de informações sobre o número de teares e máquinas instaladas quando foi adquirida por Franz



A primeira usina geradora da Fábrica de Tecidos Carioba

Müller mas havia uma pequena usina geradora de energia elétrica com uma ou duas turbinas acopladas a geradores com capacidade da ordem de algumas centenas de KW. A água era desviada do Ribeirão Quilombo e canalizada pelo tal rego que tinha cerca de 500 metros de extensão, sendo que o desnível em função da pequena cachoeira existente seria de talvez uns 10 metros. Esta primeira usina se situava junto da fábrica, num pequeno anexo.

Dada a boa qualidade e excelente aceitação dos seus produtos no mercado, Franz sentiu-se encorajado a ampliar a sua capacidade de produção. Para isto era porém essencial expandir primeiro a geração de energia elétrica própria, pois simplesmente não existiam usinas geradoras na região. Suas vistas voltaram-se então para uma queda d'água de muito maior potencial existente na Fazenda Salto Grande, no Rio Atibaia, bem próximo de sua confluência com o Rio Jaguarí, onde começa o Rio Piracicaba.

A utilização desta queda d'água implicava na aquisição da Fazenda toda e portanto de novo aporte de capital. Para convencer seus sócios Franz enviou à Europa seu filho mais velho, Hermann Theodor que havia concluído seus estudos na Alemanha e na Inglaterra e já trabalhava duramente na fábrica. Hermann Theodor, então com 22 anos de idade conseguiu convencer o tio Hermann e o Mr. Rawlinson e, assegurado o indispensável apoio financeiro, a Fazenda foi comprada no ano de 1907.

Albertine relata o episódio a sua cunhada Hermine conforme segue:

*Carioba, Villa Americana, 25/11/1907*

*Querida Mine:*

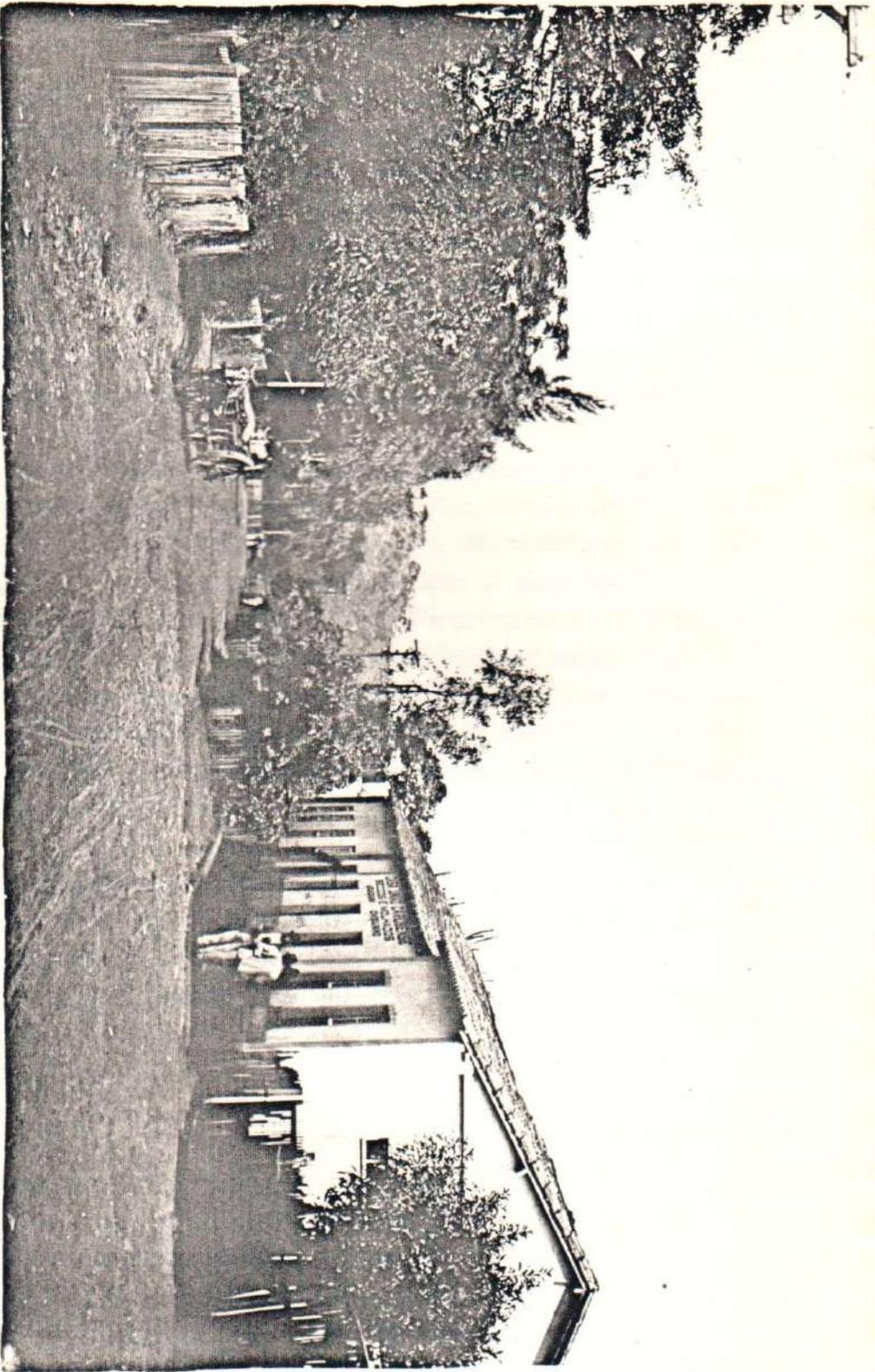
*Finalmente, dentro dos próximos dias o nosso Hermann deverá estar de volta e trabalhando. Creio que Franz ficará bem feliz com isso. O último correio não trouxe notícias nem do Hans e nem do Erich. É terrível como os rapazes demoram para se decidir a escrever.*

*Imagine que aquele assunto da Fazenda Salto Grande ainda deu o que fazer. O Franz havia fechado o negócio com o proprietário na presença do Jansen e do administrador da Fazenda. Foi um negócio bom para todos, conforme achavam, e a escritura foi marcada para o dia 26 deste mês. Pois 8 dias depois de tudo acertado, e o Franz já tendo telegrafado ao Hermann, o Bueno nos enviou uma carta dizendo que lhe seria impossível concluir a venda por aquele preço pois não tivera tempo para completar os seus cálculos e que se a vendesse pelo preço acertado acabaria pedindo esmola na rua com toda a sua família.*

*Franz ficou furioso, como você bem pode imaginar. Passou 3 dias nervosíssimo, sem comer nem dormir. Por fim, depois de deliberar com o Jansen, decidiu nada fazer no momento. Na manhã do terceiro dia apareceu aqui o Horschütz contando que o dono da Fazenda estaria em negociações com um pessoal de Piracicaba. Franz pensou por um momento e em seguida despachou o Horschütz para a Fazenda com ordens para imediatamente levar o proprietário e sua mulher ao tabelião em Villa Americana para a assinatura da escritura conforme combinado. Às 3 horas Franz também foi até lá, pagou os 170.000 marcos e concluiu o negócio.*

*Mal ele havia regressado quando o Sebastião Antas telefonou de Villa Americana para dizer que chegou um telegrama urgente de Piracicaba com instruções para o Nielsen no sentido de concluir o negócio da Fazenda Salto Grande de qualquer maneira, pagando até 200.000 marcos."*

562  
Tendo portanto comprado a queda d'água com os 980 alqueires de terra Franz tratou de se informar sobre os assuntos de eletricidade. Chamou um professor para instruí-lo, montou um pequeno laboratório e em pouco tempo passou a dominar o assunto adequadamente. Contratou a firma Bromberg, Hacker & Cia e logo foi iniciada a construção da Usina Salto Grande. Por ensejo de suas bodas de prata o casal Franz e Albertine viajou mais uma vez à Alemanha e uma grande festa foi realizada em Brunswick naquele dia 2 de Junho de 1908. Lá estavam quasi todos os irmãos, cunhados e filhos e talvez os únicos que faltaram



*Principais*  
Principais construções de  
casas para operários - 1904

fossem os filhos Hermann e Hans que permaneceram em Carioba no comando da fábrica e da construção da usina.

Os serviços de escavação na rocha eram lentos e difíceis pois não existiam ainda as perfuratrizes pneumáticas, mas, finalmente, após 3 anos e meio, no dia 5 de Junho de 1911 as chaves foram ligadas e a usina estava inaugurada. Foi nesta mesma noite que em Carioba nasceu Lieselotte, a segunda dos cinco filhos de Hermann.

Bem antes disso, já em 1910, Hermann Theodor havia assinado com o prefeito de Campinas, Sr. Orozimbo Maia, um contrato para o fornecimento de energia para iluminação pública em Villa Americana que na época ainda pertencia a Campinas.

Este serviço foi iniciado no mesmo ano de 1911 e foi logo expandido para abranger as cidades de Cosmópolis, Nova Odessa e Rebouças (hoje Sumaré), e mais tarde também para Santa Barbara (d'Oeste) e outros locais. Pode-se assim avaliar a importância desta usina naqueles tempos, ainda que sua potência inicial de 2.350 KW em termos de hoje seria insignificante. Algum tempo mais tarde a capacidade foi ampliada para 3.500 KW com a instalação de um terceiro conjunto gerador.

A gravíssima crise econômica de 1929 obrigou a firma a vender a Usina Salto Grande. Ela foi comprada em 1930 pela Companhia Paulista de Força e Luz e continuou a funcionar até 1949 quando foi desativada com a conclusão da Nova Usina Hidrelétrica de Americana, sendo que as antigas máquinas foram desmontadas e vendidas a empresas particulares.

No mesmo local foi levantada uma barragem de 22 metros de altura formando a represa de Americana e a casa de máquinas foi colocada na margem oposta ao Rio Atibaia.

O programa agrícola da Fazenda Salto Grande foi desenvolvido por Franz Müller com a contratação de um competente técnico de origem italiana, Sr. Francisco Fornazaro. Já existiam plantações de cana de açúcar e de fumo produzindo-se aguardente e charutos de muito boa qualidade. O fumo porém foi substituído pelo algodão e um importante

trabalho para a produção de sementes foi desenvolvido em colaboração com o Instituto Agrônomo de Campinas. A Fazenda plantava em média de 250 a 300 alqueires de algodão que era consumido na Fábrica de Tecidos enquanto as sementes eram distribuídas pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. O beneficiamento era realizado na Fazenda em uma das primeiras usinas na região, mas o volume de fibra produzido não representava mais que 25 a 30% do consumo da Fábrica.

Com a maior disponibilidade de energia elétrica a Fábrica foi sendo ampliada, novos teares foram sendo instalados e a fiação foi aumentada. A vila operária foi crescendo e Franz não descuidou dos aspectos sociais e do bem-estar da população. Foi criado o Clube Recreativo e Esportivo Carioba dotado de um belo campo de futebol e parque de lazer além de uma sede social onde havia salões de baile, bar e restaurante, hotel e salão de cinema além de outras dependências. As casas dos operários eram dotadas de esgoto e água encanada e eram bem cuidadas. Foi fundada a Cooperativa Mista que fornecia mantimentos à população e a Sociedade de Mútuo Socorro subvencionada pela Fábrica e inteiramente administrada pelos operários a qual oferecia auxílio financeiro aos sócios necessitados. A Fábrica oferecia assistência médica gratuita aos operários.

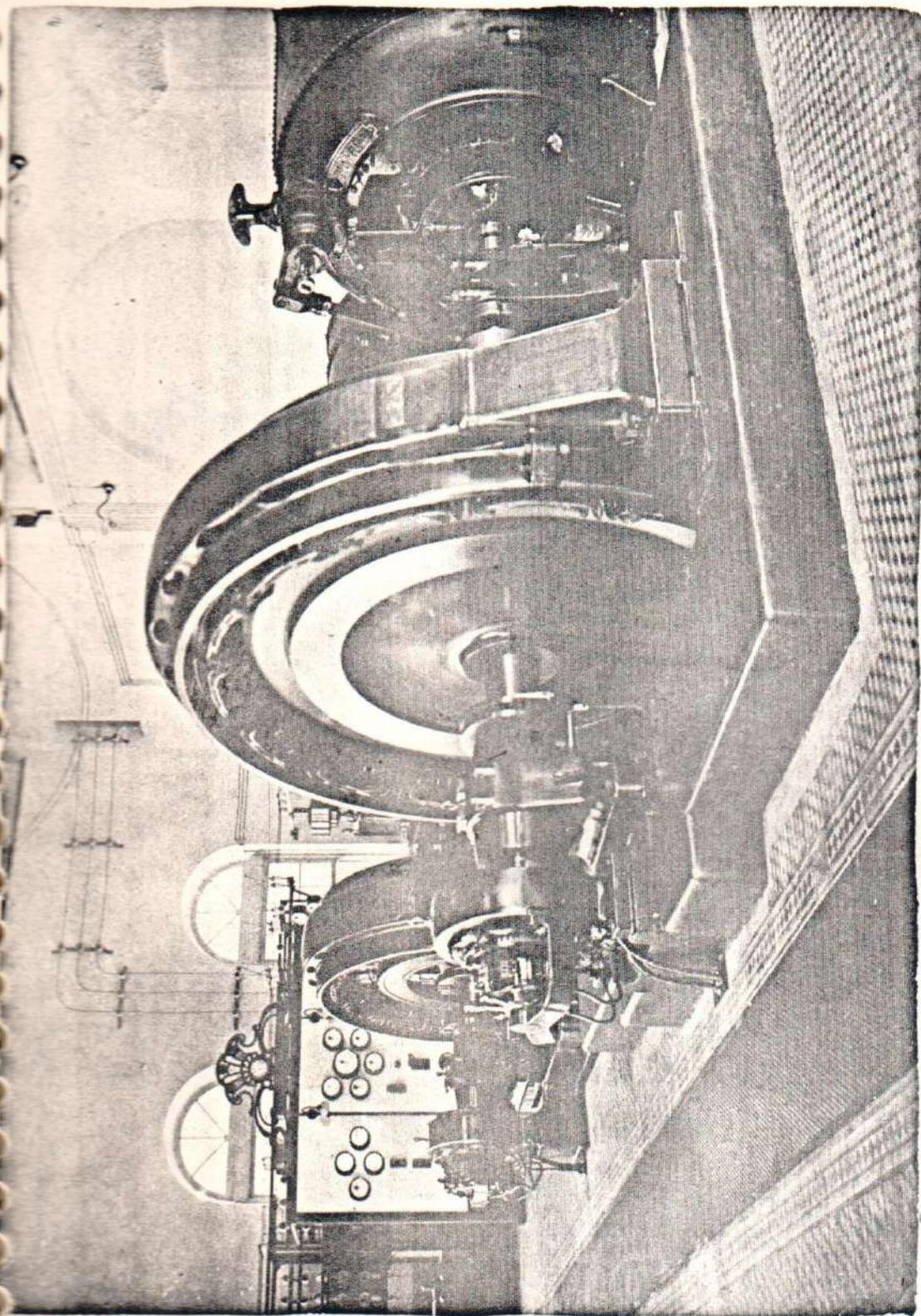
Nas margens do Rio Piracicaba foi instalado o Clube de Regatas onde havia diversos tipos de barcos a remo para competições disputadas com outros clubes, tais como o Tiête e o Espéria de São Paulo e o clube de Piracicaba, seu grande rival. Neste Clube havia quadras de basquete e voleibol além de áreas de lazer e sempre muita animação nos domingos e feriados.

Se nem todas estas instituições foram concluídas nos tempos de Franz, ele sem dúvida plantou as sementes para toda uma estruturação e filosofia social que após o seu desaparecimento foi adotada e ampliada pelos filhos que o sucederam. O convívio harmonioso entre capital e trabalho predominou durante toda a administração Müller, até 1945.

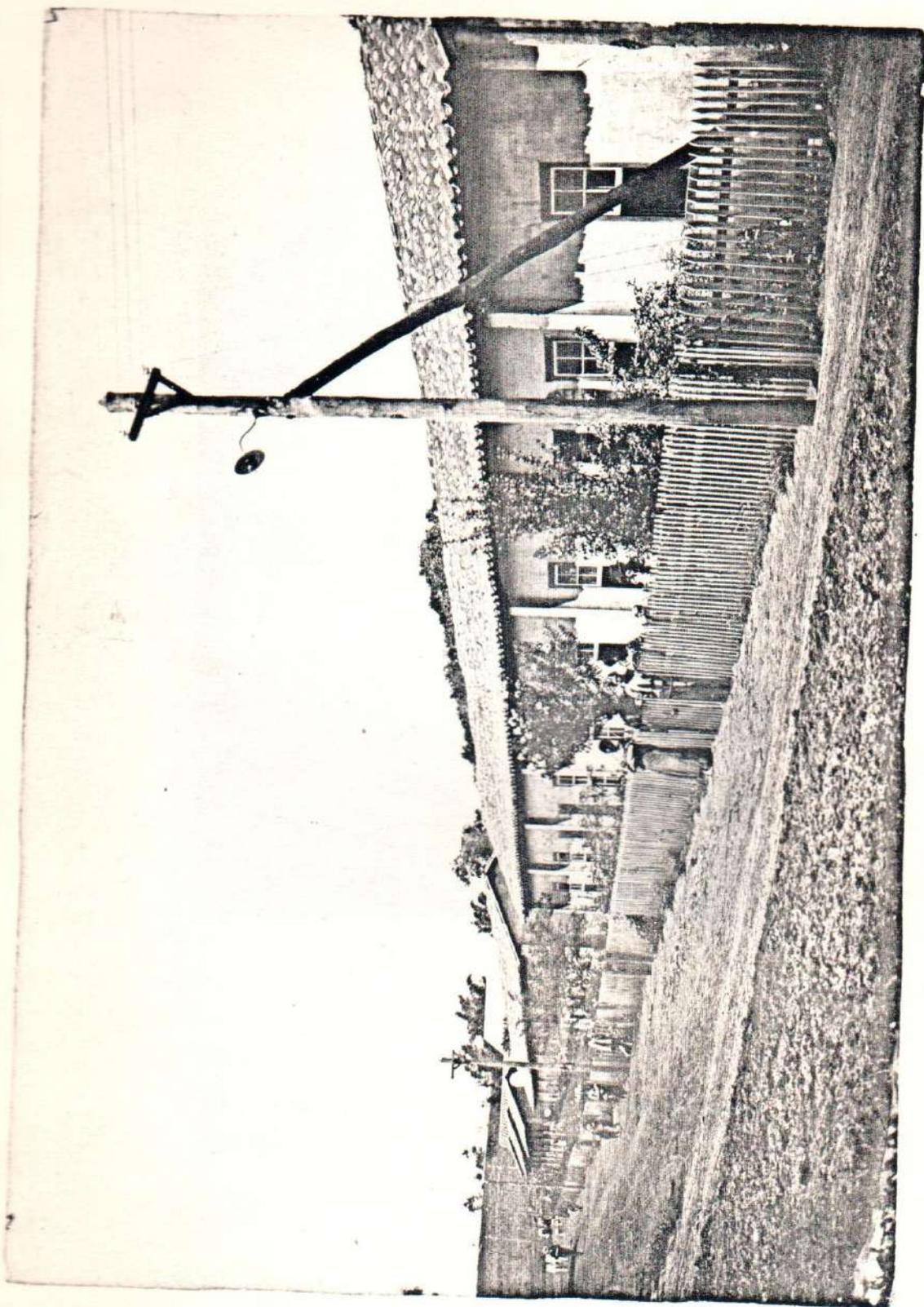
Naqueles primeiros anos do século 20 Carioba tornou-se um local de visita quase obrigatória para os europeus que chegavam a São Paulo



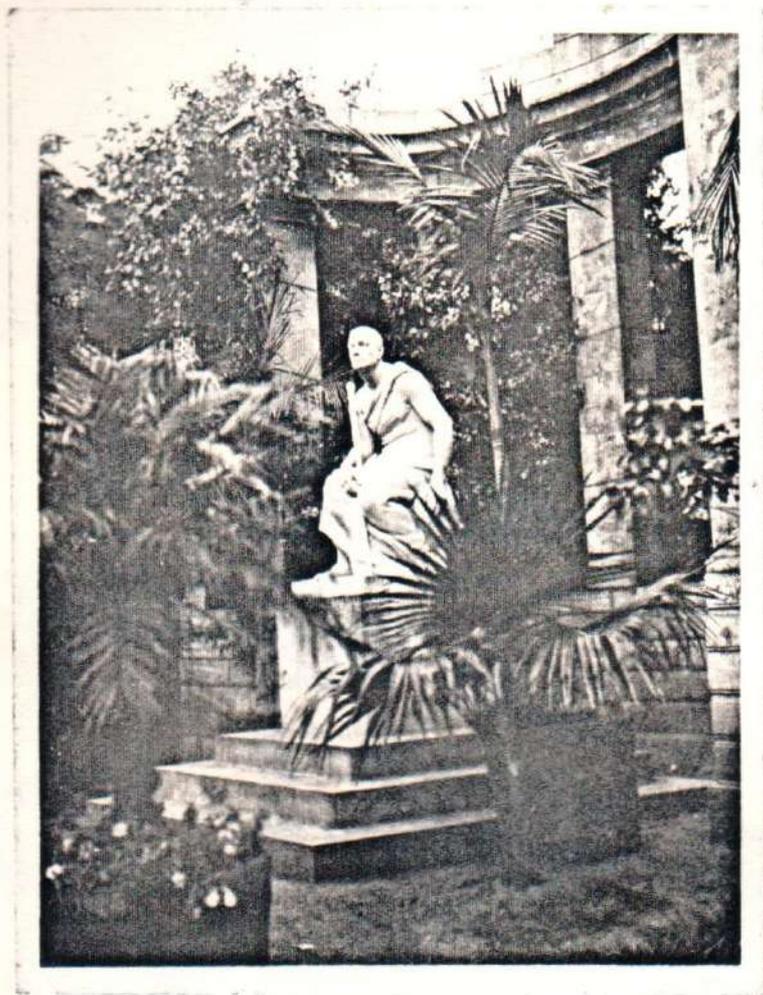
A cachoeira do Rio Atibaia



A Usina da Fazenda Salto Grande



Casas de operários. Iluminação pública elétrica desde 1910.



*Peregrino*  
O Parageino - escultura de Ernst Müller,  
Cemitério de Americana



Franz e Albertine 1919 (  $\pm$  )

Naqueles primeiros anos do século 20 Carioba tornou-se um local de visita quasi obrigatória para os europeus que chegavam a São Paulo desejosos de conhecer um pouco de Brasil. Homens de negócios, diplomatas, escritores eram para lá enviados pelo consul alemão e, ao chegarem à estação ferroviária de Americana após quase 4 horas de viagem pouco confortável eram recebidos por Franz e Albertine com extraordinária cortesia e hospedados com um conforto inteiramente inesperado. Eram servidos do bom e do melhor, desde frutas tropicais, aspargos, alcachofras e legumes de todos os tipos, carnes, aves e peixes preparados com muita competência, vinhos excelentes, champanhe e até caviar.

No domingo pela manhã os homens eram sempre colocados sobre o dorso de um cavalo qualquer, as senhoras em carruagens, e todos iam conhecer a floresta tropical ao longo dos rios Piracicaba ou Jaguarí. Na Fazenda Salto Grande eram levados a conhecer plantações de algodão e de cana, a respectiva moenda e o alambique, a máquina de beneficiar algodão e a impressionante casa de moradia com a senzala, naturalmente já desativada, e suas imponentes paredes de quase um metro de espessura.

Os passeios terminavam à beira do rio, num aprazível recanto debaixo de um enorme páu-d'alho onde lhes era servido um churrasco regado a chopp gelado. Estas aventuras no interior do Brasil constituíam acontecimentos absolutamente inesquecíveis para os visitantes estrangeiros que aqui aportavam. Inesquecíveis também eram certas tardes na varanda da Casa Grande quando os últimos raios encarnados de sol eram refletidos pelo Rio Piracicaba que se perdia no horizonte entre as colinas quase obscurecidas

Franz invariavelmente saía para um breve passeio a cavalo todas as tardes. Aconteceu nos últimos dias do ano de 1910 quando, ao montar um cavalo comprado recentemente ele sofreu uma queda que quase o vitimou. Mal havia montado quando o cavalo empinou-se corcoveando violentamente e Franz foi precipitado de cabeça para o chão de pedras. Aparentemente a causa foram alguns grãos de milho prensados em ponto crítico sob a manta do arreio. Franz levantou-se sozinho, caminhou até seu quarto, sentou-se na cama e tirou as botas. Em

seguida perdeu os sentidos. Imediatamente foi chamado de São Paulo o doutor Walter Seng que além de grande amigo de Franz e diretor do então "Sanatório" Santa Catarina, era o maior cirurgião de São Paulo.

Dr. Seng e seu assistente chegaram aquela noite com seus instrumentos cirúrgicos, Franz foi deitado sobre uma porta apoiada sobre dois cavaletes e ali, na sala de jantar, à luz da precária iluminação elétrica disponível, o dr. Seng o operou. Fez uma trepanação para remover o coágulo que pressionava o cérebro, e colocou uma placa de platina sob o couro cabeludo.

Franz recuperou-se bastante bem, embora perdendo aos poucos aquela energia e disposição para o trabalho que o caracterizaram por toda sua vida. Voltou a visitar os parentes na Alemanha e aproveitou para consultar especialistas que confirmaram: a operação não poderia ter sido mais bem feita. Franz faleceu 10 anos depois, em Carioba, presentes todos os seus 6 filhos, suas 4 noras e o gênro, além da desolada viúva Albertine que viveu mais 10 anos.

Após sua morte os operários colocaram um busto em bronze do seu querido patrão em um pequeno jardim sempre bem cuidado na entrada da Carioba. Este busto que foi feito pelo irmão Ernst encontra-se hoje em uma das principais praças da cidade de Americana a qual leva seu nome.

Nos anos em que viveu em São Paulo, Franz prestou relevantes serviços assistenciais aos imigrantes austríacos, o que lhe valeu a honra do título de Cavaleiro da Cruz de Ferro pelo Imperador Francisco José. Foi também agraciado com o título de nobreza, "von", e foi Cônsul honorário daquele país até a sua mudança para Carioba.

Como industrial e empresário ele foi o grande impulsor da indústria têxtil na região o que fez com que Americana se tornasse o mais importante centro nesta categoria no Estado de São Paulo. Da Carioba partiu a tecnologia industrial que deu origem aos chamados façonistas que montaram em suas casas os primeiros teares para tecer os fios que lhes eram confiados tornando-se mini ou micro-empresários a nível doméstico.

**Resumo genealógico**

Com os dados que se encontram na CRÔNICA DA FAMÍLIA elaborada por Erich Müller Carioba é possível reconstituir a descendência dos Müller Carioba desde o começo do século 17 e estabelecer uma linhagem contínua cobrindo doze gerações e um período de quase quatro séculos. A sequência alemã iniciada por Bartold Müller termina com Franz Müller Carioba, sete gerações e trezentos anos mais tarde. Com Franz e o nascimento de seu primeiro filho Hermann Theodor em 1884 inicia-se a sequência brasileira que já compreende outras cinco gerações e um período, neste ano de 1992, de cento e oito anos. Resumidamente a sequência alemã é a seguinte:

**1ª Geração:** BARTOLD MÜLLER originário da cidade de Eisleben na Alemanha se registra como cidadão em Brunswick no dia 16 de Novembro de 1639. Era jovem, presumivelmente com cerca de 19 ou 20 anos, tendo portanto nascido talvez em 1620. Tornou-se Mestre curtidor admitido à guilda em 20 de Janeiro de 1659

BARTOLD MÜLLER 1620 (?)

cas. com 1) Dorothea Meyer (sem filhos)  
2) Ilsa Weling

seus filhos: Andreas  
IACOB (OU JACOB)

**2ª Geração:** IACOB MÜLLER. Foi também curtidor registrado na guilda como Mestre em 12 de Abril de 1706. Casou-se em 10/09/1709

IACOB MÜLLER ?-05-1676 a 30-12-1746

cas. com Lucia Elisabeth Bornemann 03-11-1689 a 20-04-1757

seus filhos: Johann Ludolph 20-08-1710.....?  
Andreas 08-11-1711 a 03-06-1751  
Johann Peter 04-07-1713 a 10-09-1745  
Melchior Wilhelm 02-04-1715.....?  
BARTOLD JACOB 27-08-1718 a ..-05-1758

Johann	15-06-1721 a 08-07-1775
Dorothea Margarete	06-05-1725 .....?

**3ª Geração: BARTOLD JACOB.** Foi também curtidor e obteve o registro de Mestre na guilda em 21 de Janeiro de 1737 com a idade de 19 anos. Casou-se 7 anos mais tarde em primeiras núpcias com Dorothea Maria Winter com quem teve 5 filhos. Após a morte desta casou-se pela segunda vez e teve mais 4 filhos:

#### BARTOLD JACOB

cas.com	1) Dorothea Maria Winter	1723 a ..-03-1752
seus filhos:	Jacob Christoph	25-12-1745 após 1802
	JOHANN FRIEDRICH	19-09-1747 a 08-01-1827
	Simon Christian	24-08-1749 a 04-03-1753
	Johann Ernst	24-08-1749 a 14-01-1754
	Sophia Dorothea	16-03-1752 a .....?
cas. com	2) Anna Lucia Ritter	.....?.....
seus filhos:	Anna Dorothea Philippine	27-04-1754 a .....?
	Johanna Maria Elisabetha	16-03-1755 (após)1779
	Johann Heinrich Ludwig	04-07-1757 a 18-10-1757
	Johann Jacob Dietrich	29-10-1758 a 14-09-1761

**4ª Geração: JOHANN FRIEDRICH.** Igualmente foi curtidor. Sua mãe falecera quando ele tinha 5 anos e aos 14 tornou-se aprendiz na profissão. Tendo trabalhado os 7 anos prescritos tornou-se Mestre obtendo o registro na guilda em 11 de Abril de 1768. Casou-se em 7 de Setembro de 1769

#### JOHANN FRIEDRICH

cas.com	Anna Sophia Wolfstich	17-09-1754 a 18-04-1848
filhos:	Johann Jacob Ludwig (I)	16-12-1770 a 09-01-1772
	JOHANN JACOB LUDWIG (II)	08-11-1772 a 01-06-1851
	Ernst Friedrich Christoph	02-11-1774 a 05-05-1802
	Johanna Sophia Dorothea	31-03-1777 a 11-09-1839
	Johann Ludwig Karl	08-12-1779 a 13-04-1818
	Johanna Sophia Wilhelmine	13-04-1785 a 26-12-1851

**5ª Geração: JOHANN JACOB LUDWIG.** Foi o primeiro dos pastores da família Müller na paróquia de Ölper. Não querendo seguir os passos do pai e de três gerações que o antecederam resolveu estudar teologia, linguas e ciências. Era professor dos filhos de uma família importante na cidadezinha de Ölper onde ficou conhecendo a filha do falecido pastor daquela paróquia. Johann Jacob foi depois nomeado pastor e em seguida casou-se com a filha do seu antecessor.

**JOHANN JACOB LUDWIG**

cas.com	Dorothea Elisabeth Christine Deneke	01-06-1777 a 22-09-1840
seus filhos:	Friederike Karoline.	.. -09-1800 a 21-04-1804
	Adolf Wilhelm Christoph	01-07-1802 a .....-1820
	Friederike Elise	21-10-1804 a 22-08-1887
	KARL HEINRICH THEODOR	21-03-1807 a 28-11-1884
	Konradine Dorothea Luise	10-08-1813 a 20-12-1890

**6ª Geração: KARL HEINRICH THEODOR.** Foi o segundo pastor em Ölper, sucedendo seu pai falecido em 1851. Casou-se em 26 de Novembro de 1844 com Hermine Stammelbach e teve 8 filhos:

**KARL HEINRICH THEODOR**

cas.com	Hermine Victoria Ida Stammelbach	20-06-1819 a 13-05-1887
filhos:	Johanna Friederike Luise	01-08-1845 a 12-11-1895
	Elise Frederike	20-08-1846 a 12-09-1872
	Marie Auguste Dorothea	03-11-1848 a 30-06-1915
	Heinrich August Hermann	30-05-1850 a 06-11-1910
	Hermine Auguste Emilie	01-02-1853 a 24-04-1922
	FRANZ FRIEDRICH WILHELM	15-06-1855 a 30-05-1920
	Anne Marie Charlotte	04-07-1856 a 09-03-1946
	Johann Heinrich Ernst	23-01-1860 a 07-11-1928

**7ª Geração: FRANZ FRIEDRICH WILHELM MÜLLER.** Veio para o Brasil em 1879, residindo inicialmente em Porto Alegre onde se casou com Albertine Goetze e teve 6 filhos.

**FRANZ FRIEDRICH WILHELM MÜLLER**

cas.com

Anna Karoline Albertine Goetze 28-06-1863 a 28-02-1930

seus filhos

Hermann Theodor	01-04-1884	a	07-09-1951
Erich Alfons	13-06-1885	a	12-04-1951
Hans Ernst	21-11-1886	a	12-02-1965
Margarete Hermine Franziska	14-03-1890	a	17-09-1970
Franz Rudolf	27-03-1894	a	23-08-1961
Heinz Franz	03-11-1899		

## 2a. PARTE OS GERTUM

Em meados do século passado Caspar Theodor Gertum vivia com sua família na pequena cidade de Oberwesel às margens do Rio Reno. Era proprietário de uma pequena hospedaria e de importantes vinhedos. Casado com Maria Barbara Weissbarth tinha 9 filhos. Era gente trabalhadora, feliz mas ambiciosa. Não que a vida fosse fácil, mas também não era demasiado dura ou impossível. Induzidos pela experiência de um parente próximo que, assim como outros aventureiros havia ganho bom dinheiro em terras brasileiras, alguns dos filhos de Caspar decidiram também tentar a sorte no Brasil. E assim foi que Martin Gertum e seus irmãos fretaram um veleiro e se puseram a navegar com as respectivas famílias rumo a Porto Alegre. Entre eles estava a irmã Katarine, casada com Albert Goetze, sobre a qual a tia Muck contou o seguinte:

*"Jovem, saudável e muito bonita, Katarine apaixonou-se por um estudante de medicina chamado Albert Goetze. Os pais dela no entanto não aprovavam o namoro porque eram católicos fervorosos, enquanto Albert era protestante. Mas o amor falou mais alto e os dois continuaram a encontrar-se secretamente. Noite escura, Katarine saía do quarto sem sapatos para não fazer qualquer ruído e corria descalça pela neve ao encontro do seu amado. E assim, a despeito das objeções dos pais acabaram indo ao juiz de paz e se casaram."*

A respeito desta aventureira expedição existe um interessante, dramático e também pitoresco relato escrito por Martin Gertum que merece ser conhecido. . Era um homem rude, trabalhador e muito minucioso que entendia da matança de porcos, da preparação de carnes, lingüiças e presuntos mas era fraco na gramática de forma que seu relato está repleto de palavras erradas em alemão e também em português. Na presente tradução completa deste relato as palavras em português estão mantidas como ele as escreveu mas a redação pretende ser um pouco melhor. Na primeira parte ele escreve com os verbos no tempo passado, como numa reminiscência, depois passa a escrever no tempo presente e na parte final, ao descrever o retorno, ele escreve como se fatos estivessem acontecendo no momento.

## *A viagem a Porto Alegre*

*Em 12 de Dezembro de 1853 iniciamos a nossa viagem ao Brasil saindo do porto de Antuerpia e levando o nosso parente Carlos Diehl com sua mulher que tinham vindo de Porto Alegre, e que nos convenceram desta idéia. Além deles viajaram meu irmão Joseph com a mulher, minha irmã Carolina com seu marido e quatro filhos, Katarina com seu marido (Albert Goetze) e dois filhos, e Martin (ele próprio) com sua mulher e dois filhos.*

*Partimos com bom tempo por volta do meio dia e alcançamos o Mar do Norte às 5 da tarde, o qual atravessamos com vento favorável em 4 horas. Todos nós, inclusive as crianças enjoamos bastante. Eu, principalmente, sofri muito deste mal, enquanto os outros se acostumaram dentro de poucos dias. Durante toda a viagem bastava que o barco jogasse um pouco e logo eu ficava doente.*

*O sr. Benert que era dono do barco responsabilizou-se apenas pela travessia, de modo que tivemos que nos aprovisionar arcando com tudo quanto era necessário para a travessia e para a chegada ao Brasil. Poucos emigrantes o fizeram como nós. Por exemplo, nos levamos*

- 1.125 kg de batatas*
- 1 barril de chucrute \**
- 1/2 barril de feijão em conserva*
- 45 kg de cevada*
- 270 kg de farinha branca da melhor qualidade*
- 90 kg de cerejas*
- 1 barril de maçãs frescas*
- 25 kg de maçãs*
- 270 kg de açúcar branco*
- 320 kg de café*
- 90 kg de ervilhas e vagens*
- 45 kg de bacalhau*
- 1/4 de barril de azeite e igual quantidade de vinagre*
- 500 jarras de água mineral, que foram de grande ajuda*
- 540 kg de pão preto seco*
- 270 kg de torradas holandesas*

90 kg de carne fresca  
160 kg de presunto defumado e carne de porco  
70 kg de manteiga fresca salgada  
45 kg de banha de porco  
1200 ovos  
12 carneiros vivos  
2 porcos vivos  
200 galinhas  
2 barris de carne salgada  
\*Obs.: 1 barril = 160 litros

*O tempo e o vento foram bastante favoráveis até o dia de Natal, quando tivemos uma forte tormenta que durou 3 dias. A tempestade foi tão forte que não pudemos acender o fogo para cozinhar. Pensávamos nunca chegar ao Brasil. Durante a segunda noite uma onda inundou a nossa cabine e a água penetrou em tal volume que receamos nos afogarmos deitados em nossos beliches. Foi terrível a confusão e o susto que levamos. Cada qual procurou salvar a sua pele apressando-se para chegar ao convés, e quando lá chegou, noite escura, a tempestade rugia com terríveis relâmpagos e trovões. As ondas encobriam o barco a todo momento e em poucos minutos estávamos totalmente ensopados. Ainda hoje considero um milagre eu ter conseguido chegar são e salvo, com as crianças até o convés de popa. No dia seguinte contamos umas 40 galinhas afogadas. Para todos nos esta tempestade certamente permanecerá inesquecível para sempre.*

*Mas também não faltaram as ocasiões para alegria e divertimento. Uma noite, uma súbita rajada fez o barco adernar tanto que receamos que a lanterna dependurada no teto do camarote incendiasse o barco. Havíamos acabado de nos recolher para os berços quando meu irmão Joseph saltou da cama para agarrar a lanterna e levou um sacolejão tão forte que foi jogado a mais de 3 metros de distância, nú como estava, caindo sobre a cama da sua irmã Caroline deitada com suas crianças, no outro lado do camarote. Houve uma grande gritaria por causa da inesperada e involuntária visita mas, muito acanhado, ele se recolheu sob uma gargalhada geral para sua própria cama.*

*Como todos gostamos muito de música, era este o nosso maior divertimento. O aniversário do nosso parente Carlos Diehl aconteceu no dia 2 de Janeiro e nos lhe preparamos uma grande surpresa. Uns 20 membros da família se reuniram ao nascer do sol em frente a sua cabine e dispararam uma salva de tiros com 6 espingardas de cano duplo. Depois cantamos todos juntos "Das ist der Tag des Herren" (Este é o dia do Senhor) e nosso primo Carlos ficou tão comovido que chorou como uma criança. Todos nós também ficamos comovidos e a ocasião será para sempre lembrada. Naquela tarde consumimos 1/4 de barril de cerveja e dançamos e cantamos até tarde.*

### **A chegada**

*No dia 5 de Fevereiro chegamos ao porto de Rio Grande onde nos sentimos muito desanimados ao avistar a costa que nada oferecia além de areia até onde a vista alcançasse. Devo também dizer que a entrada do porto de Rio Grande é muito perigosa. O práctico, descalço, veio acompanhado de 8 negros seminus para nos conduzir e o primo Carlos recebeu então a terrível notícia que seu melhor barco a vapor tinha explodido, que seu irmão Ignaz havia perdido ambas as pernas e que morreram 6 dos seus negros. Isto nos deixou muito abalados. Permanecemos dois dias em Rio Grande com nosso parente Kramer, cuja mulher Caroline é filha do tio Örtel. Nossa acolhida foi muito carinhosa, aliás percebemos logo que todos aqui são muito mais hospitaleiros do que na Alemanha.*

*No dia 10 de Fevereiro chegamos a Porto Alegre, mas antes preciso ainda mencionar que uma parada nos atrasou mais de 40 horas, quando quebrou uma peça da máquina do vapor a uma distância de 40 "leopas" (léguas), ou 50 horas de Porto Alegre\**

*\*Obs: Esta frase põe dúvidas quanto a embarcação ter sido realmente a vela, conforme diz a tradição oral desta viagem.*

*A região agora já era mais bonita, assim como as ameixas, "laraschas" e uvas que nos foram trazidas de terra e que já nos teriam compensado pelo atrazo. Porém a nossa impaciência para chegarmos à nova pátria era demasiada para que pudéssemos apreciar todas estas belezas.*

*Ao nascer do sol no dia 11 chegamos a Porto Alegre onde vimos uma linda paisagem de verdes florestas em ambas as margens, lindas casas com jardins bem cuidados construídas de uma forma curiosa com tetos planos sem telhado, e rodeadas de alamedas de laranjeiras. Mais adiante avistava-se a cidade de Porto Alegre com muitas igrejas e muitas casas bonitas. A cidade construída sobre os morros com edificações até o alto, todas pintadas até com tinta a óleo, oferece um imponente aspecto. No porto havia várias centenas de embarcações.*

*Assim os ânimos se levantaram novamente e passamos a pensar no futuro com renovada confiança. Mal havíamos desembarcado quando nosso irmão Carl que morava em Porto Alegre veio nos levar ao seu Hotel, juntamente com nosso parente Örtel. Porém eu desanimei quando meu irmão Carl perguntou o motivo pelo qual eu havia deixado o meu bom negócio em Oberwesel, e se eu tivera algum insucesso. Eu lhe respondi que meu negócio ia muito bem mas que nossos parentes ao chegarem diziam que no Brasil era muito melhor que na Alemanha. Vendo que eu fiquei bastante abatido, ele disse que aqui os açougueiros de carne de porco nada entendem da profissão. "Você entende e é trabalhador, e portanto não desanime", disse-me ele, e assim eu fiz.*

*Aluguei uma casa na Rua Paraiso, no melhor ponto da cidade, bem junto do mercado, e abri meu negócio no dia 7 de Março. Graças a Deus tudo foi melhorando dia após dia. É verdade que tivemos muito que lutar e aprender por não conhecermos nem a língua nem a moeda e nem os costumes ou o modo de viver. O começo foi difícil e arriscado, pois o aluguel, por exemplo, custava mais caro por mês do que seria por um ano em Oberwesel. Além disso tivemos que pegar a casa no estado em que se encontrava, suja e toda quebrada. A casa que aluguei estava muito mal cuidada, tanto que antes de mudar tive que gastar várias centenas de milréis para pintá-la, consertar os pisos, etc.*

*Também tínhamos muita dificuldade com os insetos, os pernilongos, bichos-de-pé, baratas e outros. Foi principalmente a Katarina e as crianças que mais sofreram com os mosquitos pois no começo ficavam todas inchadas com as picadas sofrendo fortes dores. Sentíamos muita pena delas, porém vendo os lucros aumentarem crescia a nossa coragem e a vontade de trabalhar.*

*Em seis meses ganhei com meu trabalho tanto quanto com muito esforço teria ganho em Oberwesel em oito anos. Com isto consolei a minha família que tanto sofria, conforme já mencionei. Eu lhes prometi que, se os negócios continuassem assim, voltaríamos à Alemanha dentro de 10 anos e poderíamos então viver tranquilamente com os nossos rendimentos.*

### **A epidemia**

*Tudo correu bem até o princípio do mês de Novembro de 1855 quando irrompeu a epidemia de cólera. É difícil descrever o horror. Todas as casa de comércio foram fechadas. Um "barrill" de água trazido para a casa custava 1 "bud" (bud, ou budag quer dizer pataca, moeda de prata que na época valia 320 réis), equivalente a 8 Sgr (abreviação de Silbergroschen, moeda corrente na Alemanha). Não se via viva alma nas ruas além de policiais, soldados e prisioneiros acorrentados que eram obrigados a carregar para os hospitais ou cemitérios aqueles que caíam nas calçadas.*

*Nos também fomos duramente castigados pela epidemia: no dia 13 morreu a nossa querida filha Maria. Ela adoeceu às 10 horas da noite e às 5 da manhã seguinte estava morta. Pela manhã o nosso bom filho Theodor consolava a mãe dizendo: "Querida mamãe, fique tranquila que a Mariazinha agora é um anjo lindo lá no céu e eu serei muito carinhoso e vou substituir a Mariazinha". Foi muito difícil encontrar um caixão e eu, como pai, tive que deitá-la pessoalmente. Alguns dos alemães mais bondosos ofereceram-se para levar a Mariazinha para o cemitério, o que aceitamos com muita gratidão, pois não foi possível, por dinheiro algum, conseguir um carro fúnebre.*

*Por dia faleciam entre 170 e 180 pessoas. Quando os amigos voltaram do cemitério para nos entregar o número da sepultura, que era o 175, o Theodor pediu a chave da escrivaninha para anotar este número. Uma hora mais tarde ele me levou pela mão a um canto e me mostrou um poema de consolação que havia escrito com a dedicatória "Querido Papai, quando seu coração lhe pesar demais leia isto". Seis horas mais tarde ele também estava morto.*

*Até hoje não sei como pudemos suportar este duplo infortúnio.*

*Minha pobre mulher teve que ser levada para fora da cidade. O médico disse que se ela se deitasse não levantaria mais e nos então a levamos à casa do meu irmão Carl. O irmão Joseph estava gravemente doente, Carl Diehl morreu no mesmo dia que o nosso filho Theodor, e dois de seu filhos foram enterrados junto com ele. Dois dias depois morreram Taldin Diehl e sua irmã, a snra. Bier. Em resumo, no prazo de 12 dias morreram 14 pessoas da nossa família. Que Deus os tenha na Sua santa paz*

*No dia 14 de Dezembro levei a minha mulher doente a São Leopoldo e de lá para as Quatro Colônias, onde tínhamos bons amigos, sendo que uma das filhas deles trabalhava comigo. Ali minha mulher lutou contra a morte durante 14 dias e acabou se curando com água fresca enquanto eu fui em busca de um médico.*

*Ao partir de Porto Alegre tivemos que deixar o enterro de nosso querido filho Theodor aos cuidados de nossos bons amigos. Deixamos tudo, o negócio, a casa e tudo quanto lá havia inclusive 26 porcos gordos, nas mãos de um empregado. Eu queria salvar a vida de minha mulher, o que consegui com a graça de Deus. Seis semanas permanecemos na floresta virgem, na Colônia, onde aquelas valentes e bondosas pessoas fizeram tudo para nos consolar e restabelecer a saúde de minha mulher.*

*Quero ainda mencionar que enviei meu cunhado Gruenewald que na ocasião morava no Morro Hamburguês (Novo Hamburgo?) para que fosse a um lugar na floresta virgem para chamar um padre missionário de nome Augustin para dar a Extrema Unção a minha mulher. Como compensação por seus esforços mandei lhe oferecer 2 onças de ouro (Martin Gertum escreve 2 Unsen, Deisch 80 Fl). Mas ao saber que a pessoa estava com cólera ele negou-se a vir e mandou dizer que nem por 4 onças se exporia ao perigo. Belo cristão, não é mesmo?*

*Seis semanas mais tarde voltei a Porto Alegre e chegando a minha casa encontrei a porta aberta, o empregado embriagado dormindo numa cama. Eu havia deixado cerca de 180 "araben" (arrobas) de*

banha derretida dentro de caixas e barrís que agora estavam vazios. Verdade é que meu irmão havia levado 26 "araben" mas o restante desapareceu. Também não havia dinheiro e o empregado retirava todos os dias um saco de milho na casa do meu irmão Carl. Fazendo as contas, e como a "arabe" de banha valia 10 milréis, eu teria ainda 90 mil a receber. Quando saímos da cidade o valor da banha era 1800 milréis (melhor, 1:800\$000, ou um conto e oitocentos milréis). Mais tarde alguns comerciantes ainda me pagaram algumas "arabes" de banha que eles mesmos haviam retirado, já que o empregado estava largado e bêbado. Era assim no tempo do cólera. O prejuízo daquele ano foi de 5:000\$000

Em Fevereiro de 1856 comprei o nosso negro Manuel. O empregado fez tais e tantas que não mais podia enviá-lo sozinho ao chiqueiro ou matadouro, mas dentro de 15 dias o Manuel aprendeu a lidar com os porcos tão bem que passei a mandá-lo fazer este serviço.

### *Aventuras de Martin*

No mês de Agosto daquele ano passei grande perigo. Do interior chegou um português dizendo que no Padre "Salgato" tinha visto uns 30 porcos pesando até 240kg com o acréscimo, e que este os venderia. Só que ninguém sabia ao certo onde morava este Padre Salgato. Aconteceu que o Almirante Scharofski (?) que morava com meu irmão Carl havia comprado um barco de passeio e me propôs de irmos procurar o tal Padre com a condição que se eu comprasse os porcos pagaria 3 mil reis de frete por cabeça, e se não comprasse teríamos feito um belo passeio.

Assim, no domingo dia 4 de Agosto partimos às 2 horas da madrugada levando mantimentos para uns 2 dias de viagem e descemos a Lagoa dos Patos, conforme nos indicaram.

Paramos diversas vezes descendo em terra mas sempre havia gente meio selvagem que nos obrigava a correr de volta para o barco ameaçando nos degolar. Finalmente, na quinta-feira chegamos à "stanzie" do padre. Os porcos haviam sido mortos e por dinheiro

*algum conseguimos mantimentos. Por azar o padre havia viajado e o seu capataz negro divertiu-se enxotando-nos de lá.*

*Estávamos desesperados mas, ainda assim fiquei feliz por ter feito a viagem. Poucas pessoas se aventuravam a estes lugares onde se pode ver a "criação original".*

*Havia milhares de aves aquáticas, garças de pescoço comprido e longas pernas, da altura de um homem, além de jacarés de 16 a 18 pés (?) de comprimento. Estes animais são horríveis e perigosos, mas felizmente são medrosos. Durante as noites em terra fazíamos uma boa fogueira e nenhum jacaré ou onça se aproximou. Havíamos caçado varias aves que assamos no fogo, mas apesar de nossa grande fome estavam quase intragáveis. O gosto sem sal era oleoso e muito gorduroso. Após muitas dificuldades e perigos indescritíveis retornamos ao ponto de partida no dia 11 de Agosto, às 4 horas da tarde. Minha mulher nos recebeu chorando de alegria, pois há vários dias estava nos considerando perdidos.*

### *A sociedade alemã*

*Diariamente chegavam novos imigrantes. Nos primeiros anos todos se conheciam pessoalmente mas agora já eram tantos que tornou-se impossível conhecê-los todos pelo nome. Surgiram organizações ou clubes de jardinagem onde também havia divertimentos. Nosso irmão Joseph organizou um orfeão do qual eu também era membro. Havia aulas de canto todas as terças e sextas-feiras, o que constituía a minha forma preferida de lazer. A cada 3 meses havia um concerto seguido de baile. Surgiu também um cassino ou clube chamado Germania onde havia baile todos os meses.*

*Todo dia chegavam mais alemães. Ganhava-se muito dinheiro mas a maioria dos homens se aproveitava, esquecendo o quanto tinham que se esforçar para ganhar o seu pão (na velha pátria) não dando valor ao belo lucro que estavam obtendo.*

*Em 12 de Janeiro de 1857 comprei a nossa negra Matilde Nasson de 22 anos. Ela é uma boa cozinheira e costura muito bem. No dia 26 de*

*Abril o bom Deus nos abençoou com a chegada de uma filha. Todos compartilharam da nossa grande felicidade. Gente completamente desconhecida vinha me cumprimentar em plena rua. O desastre que durante a epidemia se abateu sobre nossas cabeças tinha sido duro demais, e nos percebemos muito sentimento de compaixão. Por isso todos estavam nos congratulando e dando graças a Deus por nossa felicidade. Nossa filha foi batizada em 24 de Julho de 1857 na Igreja do "Rossarion" com o nome de Elisa Josephina. Foram padrinhos minha cunhada Elisa, mulher de Joseph, e meu cunhado Peter Joseph. A festa foi muito animada.*

*Quero ainda mencionar a primeira festa do orfeão alemão realizado nos dias 1, 2 e 3 de Fevereiro de 1858. A nossa Sociedade havia crescido e contava mais de 100 membros. Mas, "muitas cabeças, muitas opiniões", como dizem, e foi o que também lá aconteceu. Logo surgiram desentendimentos de modo que os melhores cantores deixaram aquele coral e fundaram o "Deische Liederthafel" (Deische deveria ser escrito Deutsche). Eram uns 40 homens que sob a direção de Joseph logo passaram a dar concertos públicos. Em uma única apresentação conseguiram 700 milréis, já descontadas todas as despesas. Com este bom resultado foi comprado um belo piano de concertos e uma bandeira que deveria ser inaugurada naqueles dias de Fevereiro.*

*Até então as duas Sociedades era inimigas e estavam brigadas. Mas para esta inauguração convidamos o comitê da outra Sociedade, o que foi aceito com satisfação. Cada uma arrendou um barco a vapor e uma banda de música. Logo ao nascer do sol do primeiro dia subimos o rio por duas horas em direção a São Leopoldo, embora o percurso pudesse ser feito a pé em meia hora. Lá então aguardamos a aproximação do outro barco que foi saudado com tiros de morteiro, e as duas embarcações atracaram. Em terra o Georg Pfeiffer pronunciou um lindo discurso sobre união e harmonia, e ao seu chamado amigos e inimigos se abraçaram. Com grande alegria todos seguiram até São Leopoldo onde estavam reunidas 15 Sociedades alemãs de canto e coral vindas da Província, cada uma com sua bandeira. Uma comissão de 60 pessoas os recebia junto do primeiro arco triunfal e uma banda de música na entrada de São Leopoldo levava-os até o orfeão alemão.*

*Todas as casa estavam enfeitadas com coroas e flores e se seguiram 3 dias de festa e alegria com mais de 3000 visitantes.*

*Foi montada uma cozinha onde se pagava 2 "budag" por um ótimo e completo almoço também servido para muitos estranhos. Nós também estivemos lá uma vez, apesar de termos parentes em São Leopoldo que nos hospedaram com muito carinho. Quem ouvia as lindas canções e as músicas até se esquecia de estar tão longe da pátria, pensando estar na Alemanha.*

### *Mais aventuras*

*Em 12 de Fevereiro de 1858 eu quase me afoguei na mata, na "Zamarranka" do Rio "Cuhia". Quando escasseavam os porcos que vinham para a cidade eu costumava ir até a Colônia na mata virgem onde eu comprava de 40 a 50 ou até 60 porcos que eu mandava embarcar em um "langschong" para Porto Alegre. Para viajar rapidamente eu deixava cavalos nas casas de conhecidos e passava a sela de um cavalo para outro e logo continuava a viagem. Assim o primeiro cavalo descansava por uns dois dias e se preparava para nova marcha de 6 a 8 "lagos" na volta. Quem tinha porcos para vender avisava os meus conhecidos de modo que eu não fazia caminhadas inúteis.*

*Pois no dia 12 de Fevereiro cheguei à casa de meu amigo J. Tildens que me contou, enquanto eu arreava o cavalo, que um certo homem perto de "Muinto Nore" (?) chamado Kronert teria 20 porcos bem gordos para vender. Eu indaguei a direção e me pus a caminho. Alcancei o "Cuiha" que atravessei ajoelhado sobre a sela e cheguei até o Kronert.*

*Comprei os porcos e voltei por um outro caminho que este me ensinou dizendo ser mais curto. Eu esperava cruzar o rio da mesma forma mas neste lugar ele tinha mais de 6 metros de profundidade, a correnteza era forte e as encostas eram íngremes. Agarrei-me à crina do cavalo e consegui atravessar o rio mas foi muito difícil subir a encosta da margem oposta. Ensopado como estava, tinha ainda 4 horas de marcha até a casa do Tildens. Cheguei completamente enrijecido, a tal ponto*

*que tiveram que me ajudar para descer do cavalo. Desde aquele dia passei a sofrer de dores ciáticas. As compras na mata proporcionam bons lucros mas demandam grandes esforços e oferecem muitos perigos. Por estes motivos prefiro comprar dos comerciantes que trazem os porcos até a cidade.*

### **Retorno**

*No início de 1859 escrevi ao meu cunhado Leonhart Burkhart em Geissenheim convidando-o para vir ao Brasil com sua família e oferecendo pagar-lhe 56 fl (?) por mês para que ele e sua família me ajudassem no meu trabalho, tanto nos negócios como na casa. Se o seu trabalho fosse satisfatório eu lhe entregaria tudo dentro de algum tempo. A proposta foi aceita e ele chegou no dia 12 de Março de 1860.*

*Daquele tempo em diante tudo ficou mais fácil para a Katarina e para mim. Leonhart e seu filho encarregaram-se do matadouro e sua mulher Babethe cuidava da cozinha. Gretchen cuidava das costuras, e Mina tratava das crianças. Nos somente tínhamos de ver que tudo andasse bem e em ordem. Eu continuei a fazer as compras porque nos negócios este é o ponto mais importante. Assim vivemos juntos até 1863, quando no dia 1. de Março entreguei tudo ao meu cunhado.*

*Posso afirmar que ajudei com dinheiro um bom número de alemães que não dispunham dos meios necessários para iniciar seus negócios em Porto Alegre. Entre outros, Moritz Morgenstern, Friedrich Obst, J. Friedrich Conditor, Folmer, August Wuchenrath, Friedrich Liedeko, Seb.Kroner, Andreas Bekor e Joseph Becker receberam ajuda financeira e bons conselhos. Todos ficaram muito gratos, menos um fabricante de sabão e velas chamado Müller que não era bom sujeito e que me enganou depois que lhe emprestei 280 milréis. Ele ludibriou todos aqueles que lhe emprestaram dinheiro. É assim que procedem as pessoas desleixadas.*

### **Viagem de Volta**

No dia. 1º de Julho de 1863, às 9 horas da manhã, partimos de Porto Alegre, eu e minha mulher, nossos dois filhos Elisa Josephina e Georg Carl e mais Charlotte Martino. Muitos dos nossos bons amigos vieram nos acompanhar até o vapor "Prodesnoy". A despedida foi das mais sentimentais, principalmente por parte do meu irmão Joseph e sua família, como também do cunhado Leonhart, cujos filhos mal conseguiram separar-se dos nossos. À tarde choveu um pouco, mas de resto a viagem foi boa. Atravessamos a "laggo" que é uma lagoa com 16 milhas de lagura e 38 de comprimento e que oferece perigo com mau tempo.

Às 11 horas do dia 2 chegamos a Rio Grande onde eu imediatamente comprei passagens até o "Rio Ganeiro" pelo vapor "Corento" que era comandado pelo "Kapitao Fredes de Arais". Rio Grande é uma bela cidade que tem uns 12000 habitantes e muito comércio. É o porto da "Provincia". Mas os arredores são bastante assustadores, principalmente para imigrantes, porque areia e mais areia é tudo que se vê até onde a vista alcança. Aqueles que chegam ao Rio Grande depois de atravessar o imenso oceano e durante meses só vêm céu e mar ficam muito desapontados quando pisam em terra.. Apenas penetram no rio que circunda a cidade e logo este se alarga tanto que a vista mal alcança a outra margem. Nas margens só tem areia e mesmo nas ruas da cidade os pés afundam na areia até o tornozelo. Entretanto existe apreciável riqueza e bem-estar em Rio Grande.

As passagens até "Rio Janoro" custaram 265 libras esterlinas, ou sejam 132 1/2 pesos espanhois, valendo 214 thaler e 12 Sgr prussianos. À 1 hora da tarde o "Corento" levantou âncoras e zarpou. Foi a viagem inaugural deste vapor que se portou muito bem nas grandes ondas oferecendo muita comodidade para todas as necessidades. A comida era excelente, tanto que não se pensaria estar em alto mar. Ao anoitecer o Carlos começou com forte diarréia, o que neste clima frequentemente chega a ser fatal, enquanto minha mulher e Elisa ficaram muito enjodas.

Felizmente eu continuo me sentindo bem, achando que desta vez o mar não me afeta. No dia 3 de Julho o mar começa a ficar verde e esperamos logo alcançar Santa Catarina. O navio está ótimo.

No sábado, dia 4 de Julho, a Katarina e a Elisa ainda estão enjoadas e o Carlos está muito fraco mas fora de perigo. Quando o dia amanhece avistamos verdes montanhas, lindos morros e serras elevadas à distância. Pequenas ilhas surgem no meio do mar, tão íngremes são suas encostas que seria impossível as escalar. Elas estão cobertas de lindos pinheiros e coníferas.

Às 8 horas da manhã entramos no porto passando entre duas fortalezas que dominam a entrada da baía, tão larga quanto o Rio Reno. Nos dois lados vemos baterias de poderosos canhões onde uns poucos soldados poderiam mandar para o fundo uma esquadra inteira. Às 9 horas estamos chegando a Santa Catarina.

Como é linda esta cidade, como são belos os rochedos e as montanhas e como é amplo o porto. Às 10 horas desci em terra com alguns passageiros, entre os quais estava um imigrante pobre chamado Hof que era fabricante de meias de Sinern (?). Ele estava a caminho de São Paulo para buscar a sua família que estava sem recursos. Eu o trouxe de Rio Grande até Santa Catarina e agora o levava para terra de onde ele ia viajar as 140 "legos" até São Paulo

Quando andamos pela "Rao Merkato" até uma hospedaria perto de um "Casse do Busto" vem ao nosso encontro uma mulher com 5 ou 6 crianças semi-nuas que se agarravam às pernas da mãe. Era a mulher do Hof que, auxiliada por um alemão chamado Weiland tinha chegado na véspera vindo de "Troiss no Mosea". Houve uma aglomeração de curiosos e um relojoeiro bondoso logo organizou uma coleta para os pobres. Em pouco tempo ele juntou a quantia de 40 milréis. Eu ainda lhes ofereci um almoço e coprei flores artificiais como lembrança de Santa Catarina gastando 16 libras esterlinas

Lá comemos o melhor peixe que já provei no Brasil e tudo é muito barato mas não existe, nem de longe, o bem-estar e o progresso que existe no Rio Grande do Sul. Porém a cidade é muito bonita e tem muitos lugares pitorescos de modo que a gente até pensa estar na Europa. Destaca-se principalmente o Convento das freiras situado sobre uma colina e que parece um castelo. Os morros distantes com plantações de milho parecem cobertos de videiras.

*Ao anoitecer um tiro de canhão chamou os passageiros de volta para o vapor e partimos para alto mar passando por um outro canal. E como são belas estas ilhas, como é rica esta natureza. Alguns rochedos elevam-se a 30, 40 e até 100 pés acima do mar. Um destes rochedos tem a forma de um turbante; parece até obra do homem. Este braço de mar deve ter duas horas de largura na parte central. Belas casas e agrupamentos caiados de branco oferecem ao todo um aspecto bem europeu.*

*Na saída para o mar aberto o canal se estreita no ponto onde dois fortes dominam a passagem tornando impossível a qualquer embarcação entrar sem ordem do comandante do forte. Ali havia 7 navios de guerra dos quais 6 eram norte-americanos além de 2 "cararettas" (corvetas?) com 6 e 28 canhões, dois grandes barcos de 3 mastros, 2 pequenos navios de guerra e 3 navios brasileiros compondo uma frota bem vistosa.*

*Eram 9 horas quando alcançamos o alto mar. Eu trouxe uma jarra de leite e "pananas" que foram muito apreciadas pelas crianças. Elisa tornou a enjoar.*

*Domingo, dia 5, tivemos um pouco de vento forte e Catarina e as crianças estão muito enjoadas. Na 2a. feira cedo estamos em alto mar e à distância avistamos as montanhas de "Rio Janoro". O vento é de proa e o mar está agitado. A Elisinha está muito enjoada mas Carlos está bem melhor. Catarina ainda sofrendo muito. Às 2 horas surge o Pão de Açúcar. Trata-se de uma rocha em formato de pão de açúcar que tem uns 800 pés de altura junto da entrada de "Rio Janoro". A passagem neste ponto se estreita tanto que em caso de tempestade um barco a vela não consegue passar. Existe também uma fortaleza muito importante defronte ao Pão de Açúcar. E que vista, que rochedos tão altos, lisos e despídos até o alto, impossíveis de serem escalados!. E as ilhas, como se alguém as tivesse varrido para o mar. Depois, mal passamos entre o Pão de Açúcar e o forte de "Sangta Krus", e não dá para se apreciar toda aquela beleza de montanhas altíssimas e lisas como se fossem polidas. O céu é de um azul tão lindo. Por toda parte vemos lindas casas, igrejas, fábricas e o imenso cais do porto onde havia centenas de navios de todas as nacionalidades. Podem atracar*

*até mesmo os maiores navios do mundo, pois "Rio Janoro" tem o maior e mais profundo dos portos.*

*Chegamos ao Rio às 5 horas do dia 6 de Julho e eu tive a sorte de ter o meu passaporte assinado pelo chefe da polícia, o que me facilitou muitas coisas e me poupou muitas complicações. Também o capitão foi muito gentil pois soube que estávamos em trânsito e nos permitiu pernoitar a bordo.*

*Sendo completamente estranho nesta grande cidade que tem 280 mil habitantes solicitei a um marinheiro providenciar no dia seguinte a transferência de nossa bagagem para o vapor inglês.*

*Nunca vou esquecer o maravilhoso aspecto desta cidade à noite, com milhares e milhares de lanternas a gás que por horas e horas se estendem ao longo do mar e das encostas dos morros. Em muitos lugares e também nos navios havia música. A beleza do eco e a majestosa iluminação ao entardecer - não acredito que haja uma vista tão bela em qualquer outro lugar.*

*Mal amanheceu o dia 7 de Julho quando vimos navios chegando e partindo pois o tráfego é muito intenso. Quando o marinheiro chegou para pegar nossa bagagem descemos em terra para comprar as passagens para a Inglaterra. Foi difícil porque tive que ir primeiro ao embaixador da Prússia. Comprei as passagens por 97 libras esterlinas e em seguida subimos a bordo do vapor inglês "Magdalena". Ao marinheiro paguei 12 Pf 300 (?) ou 9 1/2 thaler, de acordo com a taxa. Em seguida fomos ao nosso restaurante onde fomos muito bem servidos.*

*No dia 8 visitamos alguns pontos da cidade onde notei em particular a estátua de Dom Pedro I na praça defronte ao consulado da Prússia. A cidade se estende nos dois lados do mar, havendo "Rio Janoro Norte" e "Rio Janoro Sul". A passagem é feita por um vapor que leva uma hora de uma margem à outra. Estes vapores são bastante confortáveis, têm leme na frente e atrás de forma que não precisam manobrar para retornar.*

*Na manhã do dia 9 fomos para o vapor inglês que partiu às 10 horas. Saímos ao som de música acompanhados de 6 outros navios e de um navio de guerra inglês que perdemos de vista depois de um dia de viagem. Os governos da Inglaterra e do Brasil estavam bastante preocupados com receio de guerra. Quero ainda mencionar o importante forte que existe na entrada do porto e que tem condições para controlar tanto as águas como a terra. Avisei também a nossa família por carta contando da nossa ótima viagem até aqui.*

*O vapor Magdalena é colossal. Nunca vi outro assim. Nosso camarote tem 4 camas e é muito confortável. A comida é ótima e os serviços nada deixam a desejar. Havia 7 músicos alemães que nos entretinham durante o café, o almoço e o jantar, e à noite também tocavam por mais duas horas.*

*O vapor tem 394 pés de comprimento, 56 de boca e leva 460 pessoas, 10 bois, 80 carneiros, 40 porcos e muitas aves. Tem duas vacas leiteiras a bordo que fornecem o leite para o café da manhã servido com um pão delicioso.*

*Na sexta-feira, dia 10 e no dia 11 navegamos ao longo da costa onde havia altas montanhas rochosas. Encontramos muitos navios indo com destino ao Rio.*

*No Magdalena havia uma disciplina quase militar. Pela manhã das 8 às 9 era servido café e chá no camarote. O lanche consistia de carne, ovos frescos, manteiga, queijo, café e chá. Às 3 horas era servido o almoço e à noite serviam carnes com acompanhamento de chá e café. A cada 2 dias matava-se um boi e diariamente matavam-se 2 porcos, 2 carneiros e várias galinhas.*

*No dia 11 por volta da hora do almoço vimos o último farol. Soprava um vento forte de proa. No dia 12, às 8 horas da manhã vimos um grande banco de areia e um rochedo com farol chamado "Astro Mellas" (?). Do banco de areia até a Bahia tem 500 milhas marítimas. Às 8 da manhã do dia 12 avistamos terra à direita e às 12 horas avistamos a Bahia. Foram somente 3 dias e meio mas a vista de terra*

*é sempre agradável. A cidade se situa parcialmente sobre uma elevação não muito alta.*

*As construções aqui são diferentes, pois um telhado cobre 7 a 8 casas as quais são encostadas no morro. A entrada fica do lado do morro e na frente ha um terraço. Estas casas são cobertas por um teto único de modo que à distância parece uma casa de 7 ou 8 andares. A cidade é imponente, pois do mar avistam-se 24 igrejas, algumas das quais são grandiosas. Avistam-se dois fortes onde ha canhões de grosso calibre. Há duas fábricas de algodão e de açúcar e na parte alta da cidade ha lindas casas de 3 ou 4 andares. Esta é a vista a partir do mar.*

*A âncora foi lançada às 2 1/2. Ela pesa 12000 libras, ou sejam 6 toneladas. Às 3 horas desci em terra com a Elisinha e vários passageiros e a impressão não foi tão agradável quanto parecia do mar. Entre os palácios há casebres feios e baixos, as ruas são sujas e havia um mau cheiro desagradável tão diferente do delicioso ar marítimo.*

*Muitos moradores se alimentam de estranhas cobras. Pássaros vivos ou empalhados encontram-se à venda. Existem muitos na Bahia; eu mesmo comprei 56 pássaros empalhados por 6 thlr, 20 sgr. Comprei também alguns cestos decorados com desenhos os quais custam 3 "badak" valendo 8 sgr. As "pananas e loranschas" são muito boas aqui. Comprei uma quantidade para a viagem. À noite voltamos para o navio. Tive que pagar 3 pf por pessoa para a travessia de ida e volta do navio à terra, equivalendo a 2 thlr, 6 sgr.*

*A população da Bahia é de 180 mil habitantes mas ha muito menos comercio e indústria que no "Rio Janoro". Havia uns 120 navios no porto e a cidade tem também um Jardim Zoológico e Botânico. Às 8 horas da manhã entregaram o correio e 15 minutos depois foi dado o sinal aos passageiros com um tiro de canhão e a âncora foi levantada. O surpreendente para quem nunca viu isto é que 96 homens fazem o trabalho ao compasso de música. O movimento dos homens acompanha o ritmo da música o que causa uma impressão diferente. Às 10 horas as máquinas começaram a funcionar e saímos da baía que*

tem 12 milhas inglesas. O dia todo navegamos ao longo de palmeirais onde a intervalos se avistava areia que de tão branca ofuscava a vista, parecendo neve.

Na terça-feira, dia 14 de Julho estamos novamente em alto mar. Um negociante de pássaros chamado Brandes comprou duas cobras na Bahia das quais uma tem 24 palmos, ou seja, 18 pés, tão grossa no pescoço que a circunferência dá 2 pés. A outra parece uma chaminé de fogão e tem 14 pés de comprimento. A grande está hoje cega; dizem que logo vai trocar a pele.

Nos conversamos bastante com o snr. Klaas, um alemão residente no "Rio Janoro" que já me havia sido recomendado em Porto Alegre por Fritz Christophel. É um cavalheiro bem posto, meio loiro que, segundo me disseram, é dono juntamente com seu irmão de um lucrativo negócio de instrumentos musicais no "Rio Janoro". À noite, quando o tempo é favorável permanecemos no convés até às 10 ou 12 horas com o snr. Klaas, o snr. Brandes, um snr. Kramer e os músicos. Embora troquem as roupas de cama a cada 3 dias as camas não são muito agradáveis devido aos percevejos.

Hoje tive um atrito com nosso camareiro que queria acomodar uma senhora inglesa doente em nosso camarote. Depois de falar claramente com moço falei também com o capitão.

No dia 15 de Julho, à altura de "Fornepuko" cruzamos com um navio francês movido a hélices. É impressionante como os pescadores de "Fornepuko" se atrevem a sair para alto mar sobre uma espécie de balsa afastando-se por 80 e até 100 horas. Eles juntam e amarram 4 árvores de madeira bem leve e ficam em pé dentro d'água até a altura da barriga. É de se admirar que não são levados pelas ondas e não adormecem sobre a balsa. Em "Fornepuko" o Magdalena somente trocou correspondência porque estava havendo uma epidemia de febre amarela. O porto é interessante pois é fechado contra o mar por meio de um rochedo que sai verticalmente das águas e torna a entrada tão apertada que os navios mais pesados mal conseguem entrar. Uma vez dentro do porto podem enfrentar qualquer temporal.

*É muito bonita a cidade com suas casas de 4 ou 5 andares pintadas de branco brilhante. Do navio contam-se 12 igrejas e tudo é plano até onde alcança a vista. Há florestas de palmeiras e lindas casas de campo ao longo do mar. No porto não havia mais que 50 navios. Existe ali a cidade velha e a cidade nova. A cidade nova parece ser a mais rica, a julgar pelas lindas residências que se vê. A vista a partir do navio é muito bela, com as numerosas embarcações com velas brancas e vermelhas, a cidade convidativa e o mar que não tem fim. É preciso ver isto, não consigo descrever a impressão. Trouxeram laranjas e colas(?) até o navio, e eu comprei 25 laranjas e 6 colas pr 1\$500, o que vale 1 thlr 10 sgr.*

*Às 8 da manhã do dia 16 os 96 homens novamente levantaram a âncora com acompanhamento musical. O mar está agitado e nem um barco pode se aproximar do navio. Os passageiros que deveriam subir a bordo foram içados por meio de um moitão e uma espécie de barrica arrumada como poltrona. Subiram 18 marinheiros que vieram de um navio encalhado. Todos os outros haviam desaparecido. Ao meio dia avistamos um farol em um ponto que com mau tempo é bastante perigoso.*

*Não se avista mais a terra e o vento é bom. A Elisinha ainda está enjoando, mas o Carlos está bem e não quer outra coisa senão pão com manteiga. Às 4 horas da manhã do dia 17 passamos ao largo da ilha de "São Fernando" (Fernando de Noronha) que é o ponto extremo do Brasil. Lá existe um presídio onde ficam os grandes criminosos. A diferença no relógio em "São Fernando" é de 54 minutos. Nesta região o tempo está quasi sempre chuvoso e nada ha de notavel.*

*O tempo estava bom até a manhã do dia 21. Havia forte vento de proa. Ao meio dia avistamos uma baleia. À distância parece um navio do Reno emborcado. Vimos tambem muitos peixes voadores e botos. Às 6 da tarde cruzamos com o navio inglês "Ornite" que ia com destino ao "Rio Janoro". Os dois navios pararam para a troca de novidades e o "Ornite" seguiu viagem com ventos favoráveis levando seus 500 passageiros. Além da máquina ele também tem 13 velas.*

Na quarta-feira, dia 22 chegamos à ilha de "St. Vinzento" que nada mais aparenta que altos rochedos espostos, sem nem uma única planta verde, o que se explica pois lá não caiu um único pingo de chuva nestes últimos 7 anos. O aspecto é desolador mas há um lugar bonito que é o ponto onde carregam carvão dando ocupação a varias centenas de homens. Tudo quanto se consome aqui vem de outras ilhas, até mesmo a água de beber., mas o porto é bem seguro. A agua é tão limpa que se vê o fundo do mar a 40 pés ou mais de profundidade. Há muitos tubarões por aqui, sendo que um deles rodeava o navio por um longo tempo, até que foi espantado com alguns tiros. Havia uns 20 navios no porto entregando ou recebendo carvão. Todos os navios que seguem para a Austrália, Índia ou Brasil se abastecem aqui.

Partindo de "St. Finzento" passamos bem junto de um rochedo que tem várias centenas de pés de altura, esbelto e de encostas bem íngremes. O navio passa entre este rochedo e a ilha. Em "St. Finzento" recebemos 800 toneladas de carvão e como cada tonelada tem 20 quintais, isto dá 16000 quintais. Um dos maquinistas disse que o navio consome 300 quintais de carvão por hora. Para quem nunca viu o fogo, isto parece incrível. Fazem hoje 13 dias que partimos de "Rio Janoro" e de acordo com os cálculos do capitão devemos levar mais 13 dias para chegar à Inglaterra.

Às 7 horas da noite partimos de "St. Vinzento" com forte vento contrário. Hoje, neste dia 23 de Julho temos muita gente doente a bordo. - Hoje, dia 24, o vento contrário ainda é forte. O prático diz que o vento ainda vai perdurar. Devo ainda dizer que entre "Fornapuko" e "St. Finzento" passamos a linha do sol (Equador) às 8 da manhã do dia 18 de Julho, a 23 1/2 graus de latitude do "Rio Janoro", sendo que um grau corresponde a 60 emmel (Minutos ?) ou 15 milhas alemãs. (Obs. Na realidade 1 grau no equador corresponde a cerca de 111 km). Porém, devido à velocidade do navio quase não sentimos o calor. Alguns marinheiros fantasiados de Neptuno e de sereias andaram pelo convés. Eles receberam um presente e com isso estava feito o assim-chamado batismo.

Sábado, 25 de Julho. O vento contra está tão forte que não é possível permanecer no convés. Grandes vagas estão constantemente varrendo

*o convés embora ele esteja a uns 30 pés acima do mar. Minha mulher e as crianças estão se sentindo mal e enjoadas mas quanto ao resto, tudo vai bem, como sempre. À noite é especialmente impressionante ver as ondas altíssimas, luminosas como labaredas de fogo, e o grande navio jogando de um lado para o outro como se fosse uma casca de nozes.*

*26 de Julho. O mar ainda está muito agitado, a ponto de ter entrado água em alguns camarotes. Elisinha ainda está enjoada. Esta noite estaremos passando por Tenerife, uma pequena ilha com diversos lugarejos onde existe um pico muito alto com 22864 pés de altitude coberto de neves permanentes. Antigamente ele cuspiu fogo e é visto de grande distância.*

*Segunda-feira, 27 de Julho. Tempestade a noite inteira. As ondas frequentemente cobrem o convés. Até o meio dia ainda é forte a tempestade. Também Carlos está agora enjoado.*

*28 de Julho. O tempo agora está bom, graças a Deus. Todos se recuperaram, inclusive Kätchen e as crianças. Os conhecidos se cumprimentam e se desejam felicidades, como se fosse o fim de uma grande viagem. Hoje temos uma festa a bordo em honra da princesa do Brasil. Começaram também os preparativos para os passageiros que ficarão em Lisboa, cujas malas e bagagens estão sendo retiradas dos porões.*

*Quinta-feira, 30 de Julho. Que quantidade enorme de barcos. Um dos músicos acaba de me dizer que são pescadores. São varias centenas, sempre 6 velas brancas e depois uma vermelha. Uma fila a perder de vista. Ah, e agora lá longe a terra firme, bela e majestosa. A terra é plana junto do mar. Eu conto mais de 100 agrupamentos com espaços entre eles. Parece-me que as plantações de cereais estão maduras, embora seja hoje o dia 31 de Julho.*

*Agora já é possível distinguir entre plantações de cereais e vinhedos. Estamos passando por um vapor francês e os barcos de pescadores estão ficando para trás. Avistamos uma baleia. Que pena que o nosso navio está correndo tanto, pois do contrário poderíamos acompanhar*

a caçada. Às 11 horas avistamos à direita o farol do forte que com os seus canhões pode impedir a entrada de qualquer embarcação no "Tago ou Tekus", que é o nome do rio.

Agora estamos entrando no rio. Quantas belezas à esquerda! Palácios e vivendas com lindos jardins alternando-se. Depois de passar vários dias entre o céu e o mar, e vendo agora esta grande maravilha pode-se fazer ideia do que seja o paraíso. A sensação é indescritível. Agora, à distância de uma hora a maravilhosa cidade de Lisboa que fica numa região ligeiramente ondulada. Imensos palácios e lindas casas geralmente grandes em meio a belas igrejas se descortinam às vistas deslumbradas.

Perto de Lisboa o rio tem cerca de uma hora de largura e é bastante profundo, devendo ter umas 60 braças. Como a braça mede 6 pés, isto corresponde a 360 pés. (110 m deve ser a largura)

Ha uma enorme quantidade de navios, maior que no "Rio Janoro". A extensão da cidade com mais de 2 milhas não permite avaliação completa a partir do navio. A confusão no porto, a floresta de mastros, a cidade imensa - é demais! São incontáveis as igrejas e os moinhos de vento. Em uma elevação ao lado da cidade eu contei 107 moinhos; por toda parte a gente os avista.

Justamente ao chegarmos o Rei e seu almirantado subiam a bordo de um navio de guerra. Todos os outros navios saudavam com suas bandeiras e aqueles que tinham canhões saudavam com uma salva de 5 tiros. Diversas bandas de música tocaram, e também a nossa banda tocou enquanto nossos canhões saudavam. Ouve-se o hino nacional da Inglaterra.

Chegaram 3 navios deixando 290 passageiros, mas os coitados não foram para Lisboa, porém para uma espécie de castelo defronte à cidade onde devem permanecer 14 dias em quarentena. Todas as suas bagagens serão fumigadas e se neste período não surgirem sintomas de febre amarela terão permissão para deixar a quarentena e de se dirigirem para onde quizerem.

Às 5 da tarde entrou uma "frocata" de guerra norte-americana com 36 canhões e com suas 15 velas enfunadas. O Rei acaba de regressar e do nosso navio também se eleva um Viva!. Na "Rua de Rio" ao longo da água, que dizem ter 1 1/2 milha de comprimento, quase todas as casas estão embandeiradas, bem como todos os navios, sendo que o nosso tem 92 bandeiras.

A gôndola do Rei é branca e tem muito entalhamento dourado. Os marinheiros vestidos de branco, azul e vermelho se destacam de forma muito elegante. Havia também uma cobertura como um dossel dourado e vermelho com pesadas franjas nas mesmas cores. Quando ele desembarcou a fragata americana disparou 36 tiros praticamente de uma só vez. Até pela água sentiu-se o impacto.

Lisboa está muito bem localizada e desfruta de um clima muito agradável. Frutas maravilhosas foram trazidas para bordo, embora muito caras, pois 1 1/2 libra de uvas custava 2 francos, e alguns abricôs e maçãs também 2 francos. Às 8 horas da noite levantaram novamente a âncora, ao compasso da música, entende-se. Descemos o rio vendo Lisboa toda iluminada e passamos pelo farol às 10 1/4.

No dia 1º de Agosto estavam todos bem animados. A expectativa de logo alcançar o destino deixou todos muito alegres, sendo que o bom tempo também ajudou muito. Às 4 horas passamos pelo farol de Biscaya.

Esta região é muito temida por todos os navegadores porque todas as correntes aéreas encontram-se aqui, e o mar, por assim dizer, não manda recados. Nas tormentas sempre há naufragos, pois quando os ventos são fortes o mar fica tão agitado quanto nas mais fortes tormentas em outros pontos do oceano. Durante toda a viagem dizia-se, "tomara que tenhamos bom tempo na passagem pela Biscaya". Compreende-se que todos estávamos preocupados, mas foi desnecessário: o mar estava como um espelho, sem nenhum vento. Um dos músicos que já havia passado por lá 28 vezes disse que esta foi a primeira vez que encontrou o mar ali tão calmo. Graças a Deus.

Às 9 da manhã do dia 2 de Agosto avistamos o farol de "Gegeschet" (?) na costa da França, onde a terra baixa se esconde na neblina. Todos estão na maior animação. O médico de bordo e alguns passageiros resolveram se divertir às custas de um alfaiate alemão vindo do Rio chamado Kramer, e natural de Würtemberg. Ele fez uma bela fortuna no Rio e queria por toda lei aprender o inglês. O médico se ofereceu para ensinar-lhe a língua em um dia mediante o pagamento de uma dúzia de "Schampanir". O alfaiate concordou, e o médico e alguns garçons fizeram então uma espécie de pirão com uma velha gramática inglesa que fizeram o alfaiate comer com açúcar e canela. Houve muita risada, e o alfaiate teve uma forte diarreia ficando seriamente doente, de modo que nos, os alemães ameaçamos denunciar o médico. Como isto certamente teria causado a sua demissão ele se defendeu vigorosamente, dizendo que foi apenas uma inocente brincadeira, e como o alfaiate logo se restabeleceu deixamos o incidente passar em silêncio. O alfaiate, porém, se queixou que havia engolido aquela porcaria e mesmo assim continuava a entender tão pouco o inglês quanto antes...

Notamos que estávamos nos aproximando da costa da Inglaterra e encontramos muitos navios. Na manhã do dia 3 de Agosto avistamos o primeiro farol de Portland. Avistamos 70 embarcações e a cada momento aumentava o número de barcos que entram e saem, chegando a varias centenas, incluindo 8 navios grandes.

Às 8 da noite passamos pelas Middles, um pequeno grupo de ilhas que é a verdadeira entrada do porto de Southampton. Dispararam 4 tiros de canhão e soltaram um foguete para chamar um práctico. Houve grande excitação a bordo. Bebemos, cantamos, nos abraçamos e festejamos com extraordinária alegria pela certeza de descer em terra no dia seguinte.

Nesta confusão também houve uma tentativa de roubo visando meu cinto no qual eu trazia 15000 thaler-ouro. Porém eu estava cauteloso mantendo trancada a porta da cabina. Mais tarde tive oportunidade de verificar que aquele que tentou roubar-me era o mesmo que me havia prevenido com relação a alguns outros: era o vendedor de passarinhos. "

E assim termina este pitoresco relatório que descreve a emigração, a vida e o retorno de Martin Gertum. Muitos dos seus parentes permaneceram no Rio Grande do Sul, e outros Estados do Brasil onde são numerosos os descendentes da família Gertum. Quanto a atualização dos 15000 thaler-ouro é muito difícil fazer uma avaliação, não somente pela dificuldade de se encontrar equivalências monetárias, mas também devido às taxas inflacionárias e as grandes disparidades em termos de poder aquisitivo e de padrões de conforto.

Contudo, como mero exercício de aritmética pode-se calcular que se as passagens de Rio Grande até o Rio de Janeiro lhe custaram 265 libras, valendo 214 thlr 12 sgr, calcula-se que o thaler valia cerca de 1,23 libras, donde os 15.000 thaler seriam 18.500 libras esterlinas. Não faz sentido, porém, comparar o preço destas (quantas?) passagens com as outras no navio inglês, do Rio a Southampton, que ele diz terem custado 97 libras, apenas. Mas ele conta que as laranjas que comprou em Pernambuco custaram 1 mil e quinhentos réis, equivalendo a 1 thlr e 10 sgr. Também diz que uma pataca, que valia 320 réis, correspondia a 8 sgr. Portanto 1 sgr valia 40 réis, e 1 thlr valia 1\$100. Isto portanto indica a equivalência entre o milréis e a libra esterlina na base de uma libra para cada 900 réis, certamente bem diferente de hoje... De qualquer modo parece que os 16:500\$000, dezesseis contos e quinhentos que ele levou em dinheiro era uma soma bastante apreciável, suficiente para comprar muitas passagens do Rio a Southampton para toda a família.

ANNA KAROLINE ALBERTINE GOETZE, esposa de Franz Müller era, portanto filha de Katharine (Gertum) e Albert Goetze e sobrinha de Martin Gertum. O casal Goetze trouxe consigo da Alemanha seus dois primeiros filhos, Theodor e Alfons, e após sua chegada tiveram mais seis filhos, três dos quais faleceram ainda jovens ou mesmo crianças, embora a família que residia em São Leopoldo tenha sido poupada da terrível epidemia de cólera em 1855.

Georgina foi a primeira a nascer no Brasil, mas infelizmente morreu horrivelmente aos 3 anos de idade, quando sua roupa pegou fogo,

presumivelmente quando se aproximou de um monte de lixo que estava sendo queimado. Ninguém presenciou a tragédia.

Albertine que nasceu no dia 28 de <sup>Junho</sup> ~~Agosto~~ de 1863 foi a segunda brasileira, seguida de Gustav e depois Ludwige, ou Vivi, como era também chamada, depois Georg e, por fim Anne que igualmente faleceu ainda criança.

O pai de Albertine tinha grande vocação musical. De profissão era médico homeopata e tinha uma farmácia em São Leopoldo. Além de violino ele tocava bem piano o que ensinou à filha Albertine. Albert Goetze gostava de tocar a chamada "harmônica de vidro", uma coleção de copos de cristal que eram parcialmente e diferenciadamente cheios de água. Ao serem esfregados nas bordas com o dedo indicador umedecido produziam sons musicais variáveis de acordo com a água neles contida. Ele assim produzia uma verdadeira "música celestial" (Benjamim Franklin, o famoso gênio norte-americano, inventor do pára-raios, introduziu certos melhoramentos nesse instrumento e seu contemporâneo W.A.Mozart compôs o Adagio e Ronda K-617 para harmônica de vidro).

Após a morte do marido em 1920, Albertine ainda viveu dez anos em Carioba cercada da maior parte dos seus filhos e netos. Somente o dr. Erich, o segundo dos seus seis filhos, residente em São Paulo, sempre muito ocupado com sua clínica ginecológica. Não tinha muitas oportunidades para estar com a mãe e os demais membros da família.

Albertine faleceu em 28 de Julho de 1930, vítima de problemas cardíacos complicados pela diabete. Nós, os netos mais velhos, lembramos muito bem do pequeno aparelho do qual ela se utilizava e que produzia leves choques elétricos para estimular o seu ritmo cardíaco. Foi sepultada ao lado do Comendador Franz Müller no cemitério da família junto de Americana.

### *Alguns dados genealógicos:*

- 1- BERNARDO TERNES nasceu em 1725 e casou-se com MARIA MARGARETHE KAYSER;
- 2- MARGARETHE TERNES era filha de Bernardo e Margarethe. Nasceu em 14-09-1747 e casou-se com QUIRIN GERTUM, 3 anos mais novo, que nasceu em 1750.
- 3- CASPAR THEODOR GERTUM era filho de Quirin e Margarethe, nasceu em 22-12-1783 e faleceu em 06-03-1857. Casou-se com MARIA BARBARA WEISBARTH que nasceu em 11-02-1787 e faleceu em 27-11-1865.
- 4- MARTIN WEISBARTH (1763 - 1809), casado com ANNA MARIA REITZ (1760 - 1832) eram os pais de Maria Barbara Weisbarth e de Anna Maria Weisbarth.
- 5- Caspar Theodor e Maria Barbara Gertum tiveram 9 filhos:
  - \* MARTIN (17-01-1815 a 16-04-?) casou-se com Catharine Brukhart (29-07-1817 a 05-01-1900).
  - \* JACOB casou-se com Margarethe Duhr.
  - \* MARIANNE casou-se com Georg Pfeiffer.
  - \* THEODOR viveu na Inglaterra.
  - \* CARL viveu nos Estados Unidos.
  - \* LUISE casou-se com Peter Reuter.
  - \* CATHARINE casou-se com Albert Goetze.
  - \* KAROLINE casou-se com Ludwig Grünewald.
  - \* JOSEPH casou-se com Elise Alexandrine Wallau.
- 6- Anna Maria Weisbarth casou-se com SEBASTIAN DIEHL.

## Abertura do Livro de Visitantes da Fábrica de Tecidos Carioba:

Na festa deste dia pela inauguração da Fábrica de Carioba bruxoleou o riso à flor de todos os lábios na doce alegria de um convívio de amigos. Um homem já disse infelizes os que não se riem porque esses se parecem com os burros, únicos que na criação não possuem esse festivo signal do sentimento. Saudações ao amphitrião, ao Snr. F. Muller pelas horas gratas que nos proporcionou.

Campinas, 15 de março 1902

(ass) A. Alvares Lobo

(Seguem as seguintes assinaturas)

Alberto	Luiz Delbem
Alfredo da Silva Monteiro	Antonio Delbem
Alberto Farias	Theodoro G. Rehder
.....	Jorge Rehder
P. Lourenço Playan	Luiz Antonio Barbosa
Basilio Duarte do Pateo	Theotonio Pereira Bueno
Paschoal de Angelis	Oscar Huffenbecker
Manuel José Antas de Abreu	Basilio B. Rangel
José Ferreira Arantes	Adelaide Pantano
Antonio G. Cesarino Leite	Helena Rehder
Dr. Clérmenn.. (?)	Emilia H. Rehder
Sebastião Antas de Abreu	Josephina Delegá
Gustavo Guerra	Margarida Rehder
Carlos Rau	Anna Rehder
Francisco Thacher	Maria Pantano
Nils Nielsen	Primo Cantessoti Construtor de Obras
Eduardo João Michel	Bento Rehder
Alfredo Delegá	G. Pfeiffer
Carlote Rehder	João Biasi Construtor de Obras
João F. Rehder	Luiz Angeli
Herm. v. Poellnitz	Horst Waumer (?)
José Vollasack	A. Plaas

e Walter Edward Clarkson (de Rio de Janeiro)  
Representante de  
Howard & Bullough Ltd.  
e Henry Livisey Limited

Esse documento faz parte do acervo do



e está sendo disponibilizado gratuitamente

Clique e fale com a gente



Entre em contato  
Ajude no nosso  
trabalho

Seja um amigo da  
História de  
Americana